JOSEPH CONRAD

O PASSAGEIRO SECRETO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

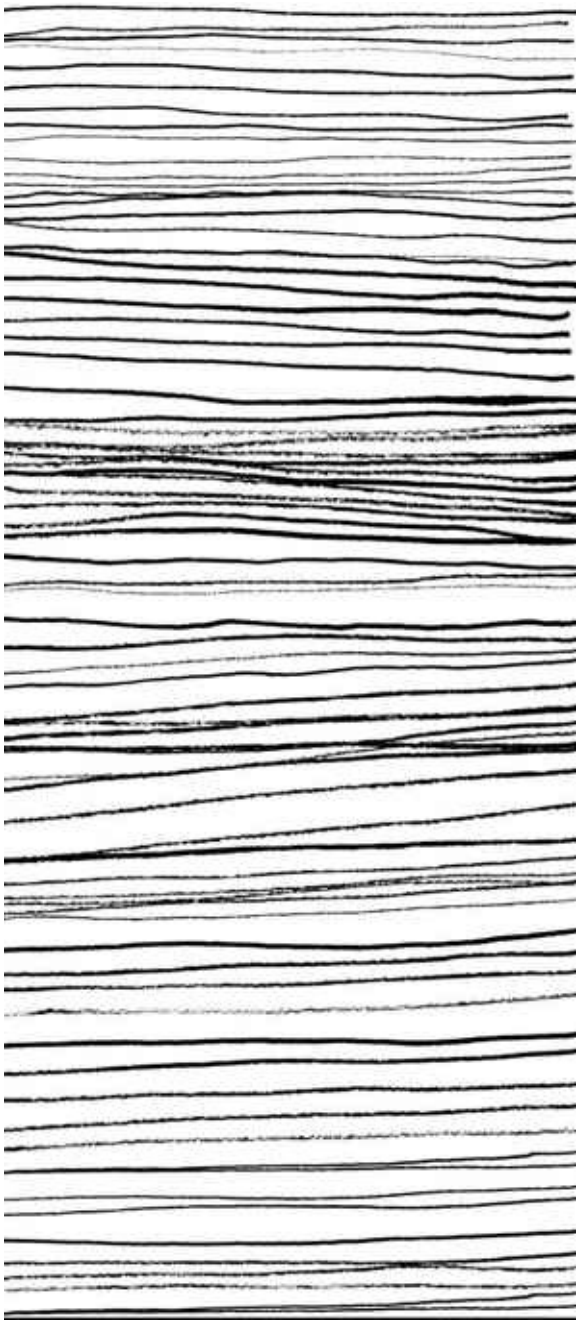
"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Sumário

1
2

1

À minha direita, viam-se fileiras de estacas de pesca lembrando um misterioso sistema de cercas de bambu semissubmersas, incompreensível em sua divisão do domínio dos peixes tropicais e com um aspecto louco, como se abandonado para sempre por alguma tribo nômade de pescadores hoje instalada do outro lado do oceano: pois não havia sinal de habitação humana ao alcance dos olhos. À esquerda, um grupo de ilhotas nuas, sugerindo ruínas de muralhas, torres e fortalezas de pedra, erguia-se do fundo de um mar azul que parecia ele próprio sólido, de tão tranquilo e estável, que se estendia abaixo dos meus pés; mesmo a esteira da luz do sol poente brilhava ininterrupta, sem a cintilação animada que denuncia uma ondulação imperceptível. E, quando virei a cabeça para um olhar de despedida ao rebocador que acabara de nos deixar ancorados logo à saída da barra, vi a linha reta do litoral plano colada à do mar liso, uma à beira da outra, numa junção perfeita e sem marcas, formando um piso único, metade castanho e metade azul, sob a cúpula imensa do céu. Correspondendo em insignificância às ilhotas do mar, dois pequenos aglomerados de árvores, um de cada lado da única falha na junta impecável, demarcavam a boca do rio Meinam, que tínhamos acabado de deixar na primeira etapa preparatória de nossa travessia de volta para casa; e, bem mais atrás terra adentro, um volume maior e mais imponente, o pomar que rodeava o grande pagode de Paknam, era o único ponto onde o olho podia descansar do esforço vão de explorar a monótona extensão do horizonte. Aqui e ali, lampejos como de moedas de prata espalhadas assinalavam as curvas do grande rio; e na mais próxima delas, ainda bem junto à barra, o rebocador que fumegava rio acima desapareceu da minha vista, casco, chaminé e mastros, como se a terra impassível o tivesse tragado sem esforço, sem um tremor. Meus olhos ainda acompanharam a nuvem dispersa de sua fumaça, erguendo-se ora aqui, ora ali acima da planície, conforme os meandros sinuosos do curso d’água, mas sempre mais tênue e mais distante até sumir finalmente atrás da elevação em forma de mitra do grande pagode. E então fui deixado a sós com meu navio, ancorado na entrada do golfo do Sião.



Ele flutuava no ponto inicial de uma longa viagem, muito calmo numa imensidão serena, as sombras de sua mastreação lançadas muito a leste pelo sol poente. Naquele momento, eu estava sozinho em todo o convés. Nenhum som se ouvia a bordo – e à nossa volta nada se movia, nada vivia, nem uma canoa na água, nem uma ave no ar, nem uma nuvem no céu. Nessa pausa de fôlego suspenso no limiar de uma longa travessia, era como se avaliássemos a nossa capacidade de enfrentar um esforço árduo e prolongado, o dever que a sua e a minha existências se dedicavam a cumprir, longe dos olhos dos homens, com só

o céu e o mar por testemunhas e juízes.

A claridade do ar deve ter interferido na minha visão, pois foi só quando o sol estava a ponto de sumir que meus olhos inquietos distinguiram, além das cristas mais altas da ilhota principal do grupo, algo que aboliu a solenidade da solidão absoluta. A maré da escuridão enchia depressa; e com a rapidez brusca dos trópicos, uma infinidade de estrelas surgiu acima da terra mergulhada em sombra, enquanto eu continuava ali, a mão pousada de leve na amurada do meu navio como no ombro de um amigo fiel. Entretanto, com toda aquela hoste de corpos celestes a me contemplar, o conforto de uma comunhão muda com meu navio se tornara impossível. E alguns sons já perturbavam o silêncio a essa altura – vozes, passos a vante; o taifeiro surgiu apressado no convés principal, espírito ativo e diligente; uma sineta de mão tilintou debaixo do convés, na altura da popa…

Encontrei meus dois oficiais esperando junto à mesa do jantar, no refeitório iluminado. Sentamo-nos na mesma hora e, enquanto servia o imediato, perguntei:

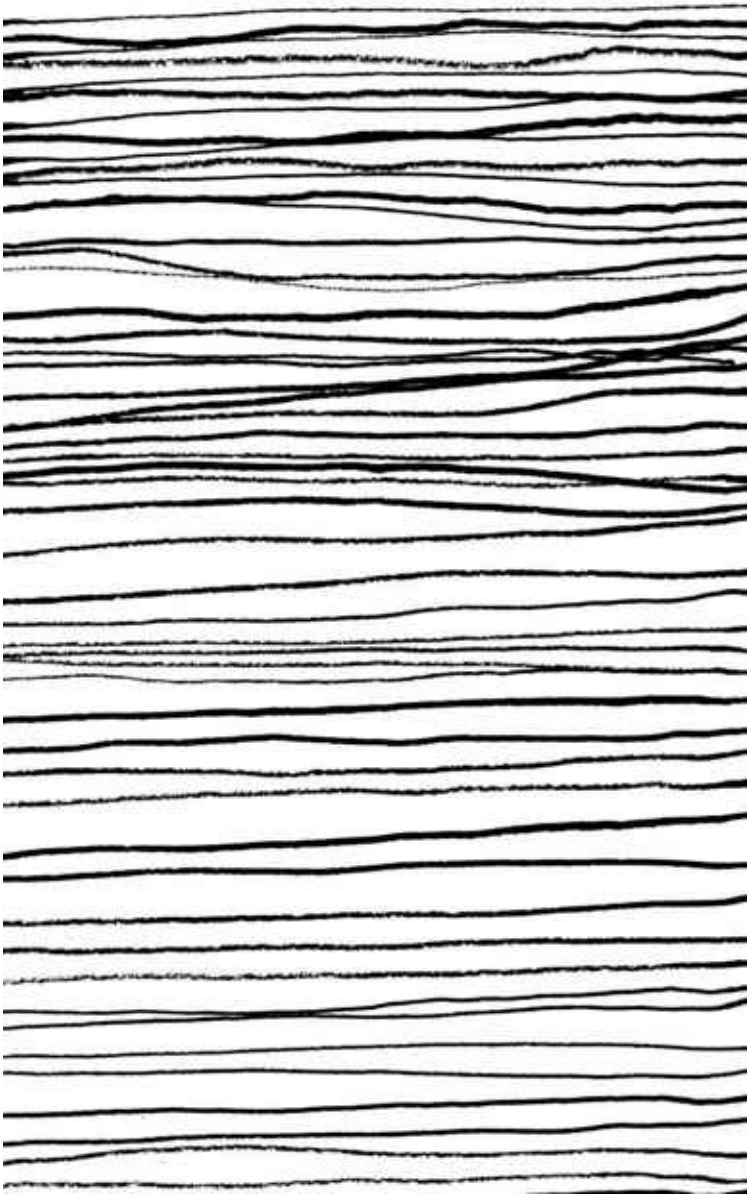
“Os senhores sabem que há um navio ancorado entre as ilhas e a costa? Vi o topo dos mastros acima da crista quando o sol se punha.”

O imediato ergueu vivamente o rosto simples, sobrecarregado por uma terrível extensão de suíças, e emitiu seu brado habitual: “Pela minha alma, capitão! Não me diga!”.

Meu segundo-oficial era um jovem calado de rosto redondo, mais circunspecto que o recomendável na sua idade, achava eu; mas quando nossos olhares se encontraram detectei uma ligeira trepidação nos seus lábios. Baixei os olhos na mesma hora. Não era meu papel estimular a chacota a bordo. E devo dizer, ainda, que conhecia muito pouco meus oficiais. Devido a certos acontecimentos sem muita importância, salvo para mim mesmo, eu fora nomeado para o comando apenas quinze dias antes. E tampouco sabia muita coisa sobre o resto da tripulação. Todos esses homens viajavam juntos havia uns dezoito meses, e minha posição era a de único intruso a bordo. E só falo disso porque tem alguma importância para o que vem a seguir. Mas meu sentimento dominante era o de ser um intruso naquele navio; e, verdade seja dita, um tanto desconhecido inclusive de mim mesmo. Membro mais jovem da tripulação (com a única exceção do segundo-oficial), e ainda não testado numa posição da mais alta responsabilidade, eu estava propenso a aceitar que os demais fossem todos devidamente adequados. Bastava que se mostrassem à altura das suas tarefas; já eu não sabia até que ponto me revelaria à altura da concepção ideal da própria personalidade que todo homem cultiva em segredo.

Enquanto isso o imediato, com uma colaboração quase visível dos olhos

arregalados e das suíças espantosas, formulava uma teoria sobre o navio ancorado. Seu traço mais marcante era dedicar a tudo uma reflexão intensa. Tinha a mente meticulosa. Como dizia, gostava de “explicar para si mesmo” praticamente tudo com que se deparava, inclusive um mísero escorpião que encontrara em sua cabine na semana anterior. As origens e o motivo daquele escorpião – como teria subido a bordo e escolhido a cabine dele em vez da despensa (um lugar escuro, do tipo preferido pelos escorpiões), e de que maneira teria conseguido se afogar no tinteiro de sua escrivaninha – tinham-lhe provocado infinitas reflexões. O navio fundeado entre as ilhas e a costa era muito mais fácil de explicar; e no exato momento em que nos preparávamos para deixar a mesa ele começou seu pronunciamento. Havia de ser, sem dúvida para ele, um navio do nosso país que acabava de chegar. É provável que tivesse um calado grande demais para entrar na barra, salvo nas marés mais altas da primavera. E por isso teria preferido passar alguns dias naquele ancoradouro natural a permanecer numa enseada aberta.



“É isso mesmo”, confirmou o segundo-oficial, inesperadamente, com sua voz um pouco rouca. “Tem mais de vinte pés de calado. É o *Sephora*, de Liverpool, trazendo uma carga de carvão. Cento e vinte três dias desde Cardiff.”

Olhamos para ele, surpresos.

“Foi o mestre do rebocador que me contou quando subiu a bordo trazendo as suas cartas, capitão”, explicou o novato. “Está planejando rebocar o navio rio acima depois de amanhã.”

Após nos surpreender com a extensa informação de que dispunha, deixou o

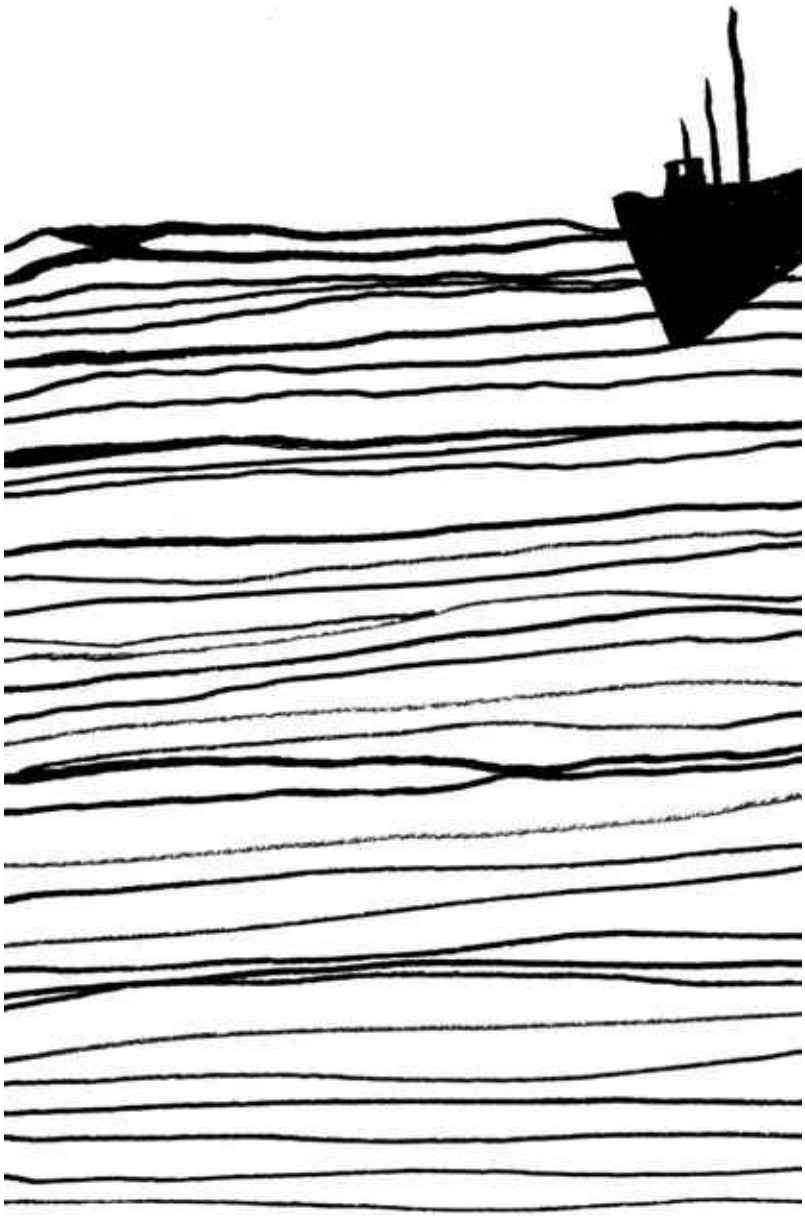
refeitório. O imediato comentou em tom pesaroso que “era incapaz de explicar as extravagâncias” do jovem segundo-oficial. Por que não nos contou tudo desde o início, quisera ele saber.

Pedi que ele esperasse, quando fazia menção de sair. Os dois últimos dias, a tripulação tinha passado às voltas com bastante trabalho pesado, e na noite anterior puderam dormir muito pouco. E tive a consciência incômoda de que eu – um intruso – estava tomando uma decisão fora do comum quando ordenei ao imediato que deixasse todos os homens irem dormir sem escalar os quartos de vigia. Eu próprio ficaria no convés até mais ou menos uma hora. Em seguida, chamaria o segundo-oficial para o turno seguinte.

“Ele acorda o cozinheiro e o taifeiro às quatro”, concluí, “e depois chama o senhor. Claro que ao menor sinal de vento tiramos todos da cama e partimos na mesma hora.”

Ele disfarçou o espanto. “Muito bem, como o senhor quiser.” Do lado de fora do cubículo, enfiou a cabeça na porta do segundo-oficial para comunicar meu capricho inaudito de encarregar-me eu mesmo de um turno de vigia de cinco horas. Ouvi a voz do outro, incrédula: “O quê? O próprio capitão?”. Depois mais alguns murmúrios, uma porta se fechou, em seguida outra. Dali a momentos me achava no convés.

Minha condição de intruso, que me tirava o sono, é que tinha ditado esse arranjo contrário à convenção, como se nas horas solitárias da noite eu esperasse chegar a um acordo com aquele navio de que não sabia nada, tripulado por homens sobre quem sabia muito pouco. Atracado a um cais e, como qualquer navio num porto, apinhado de objetos desconexos e invadido por gente de todo tipo, eu mal pudera vê-lo direito. Agora que se apresentava desembaraçado para a viagem, a extensão de seu convés principal me parecia esplêndida à luz das estrelas. Era belo, espaçoso para o seu tamanho, e muito convidativo. Atravessei o tombadilho e percorri o convés entre os castelos, visualizando no espírito a travessia do arquipélago malaio, descendo o oceano Índico e, em seguida, subindo o Atlântico. Todas as fases da jornada me eram familiares, cada uma das características, cada uma das alternativas com que poderia me defrontar em alto-mar – tudo!… menos a responsabilidade inédita do comando. Mas me animava a ideia racional de que aquele navio era igual a outros navios, os homens, iguais a outros homens, e de que o mar não havia de reservar surpresas especiais expressamente para me embaraçar.



Tendo chegado a essa reconfortante conclusão, tive vontade de um charuto e desci para buscá-lo. Debaixo do convés, tudo estava em silêncio. Todos os homens na vante do navio dormiam profundamente. Tornei a emergir no convés superior, muito à vontade em meus trajes de dormir naquela noite quente e sem vento, descalço, com o charuto aceso entre os dentes, e, seguindo a vante, fui recebido pelo silêncio profundo da proa do navio. Só quando passei pela porta do castelo de proa é que ouvi um suspiro profundo, tranquilo e confiante de alguém que ali dormia. E de repente me alegrei com a segurança extrema do mar

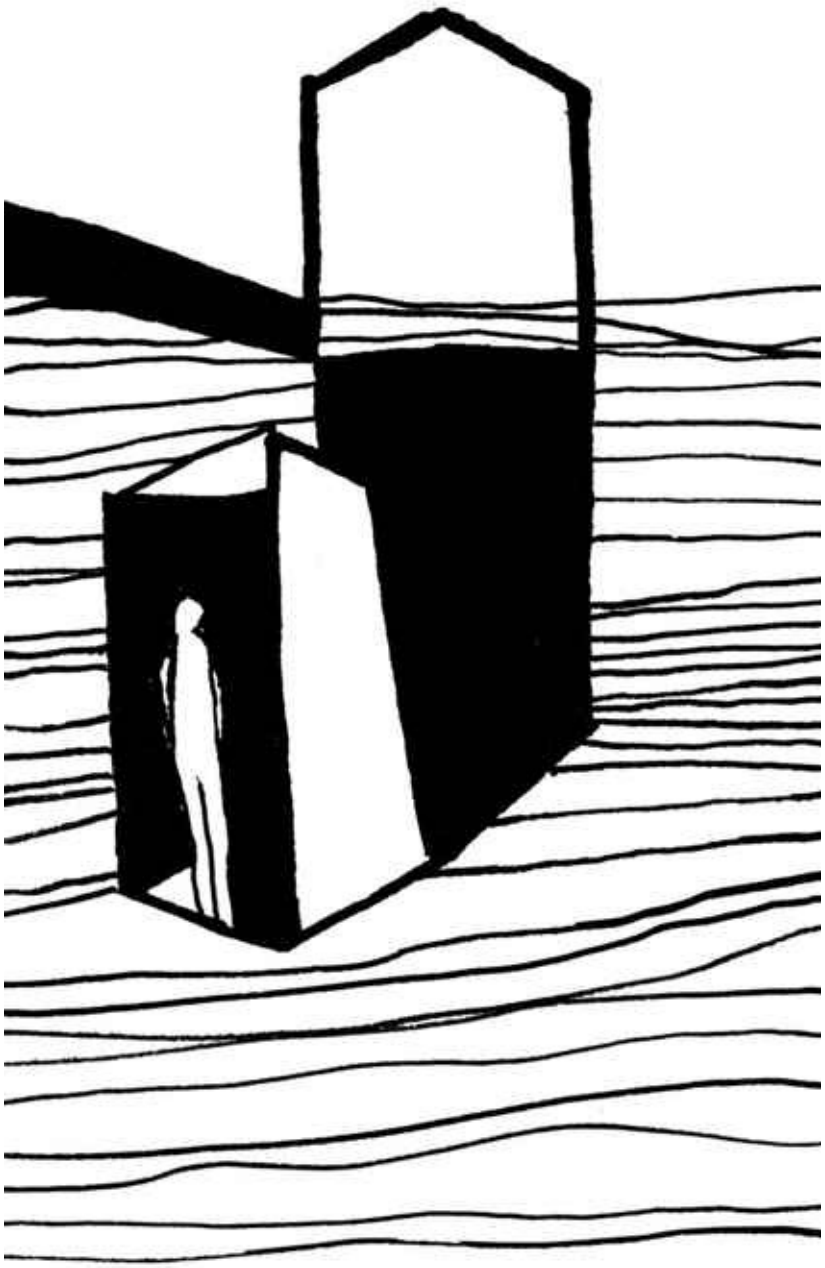
em comparação com o desassossego de terra, e com minha escolha dessa vida imune a tentações e problemas inquietantes, revestida de uma beleza moral elementar devida à clareza do seu apelo e à integridade do seu propósito.

A lanterna de ancoragem presa ao cordame da proa ardia com uma chama clara e serena, como que simbólica, luminosa e confiante em meio ao mistério das trevas da noite. Dirigindo-me à vante pelo outro lado do barco, observei que a escada de corda do costado, baixada sem dúvida para o mestre do rebocador quando veio recolher nossas cartas, não fora devidamente içada de volta. E isso me aborreceu, pois o rigor com certos pormenores é a essência da disciplina. Então me lembrei que tinha dispensado peremptoriamente meus oficiais dos seus deveres, impedindo com essa decisão a organização formal dos turnos de vigia e a devida divisão das providências. Questionei o bom senso de qualquer interferência na rotina estabelecida das tarefas de bordo, ainda que pelo mais generoso dos motivos. Minha decisão podia ter-me feito parecer excêntrico. Como será que o meu imediato, com suas suíças absurdas, “explicaria” minha conduta, e o que todo o navio pensaria dessa informalidade de seu novo capitão. Fiquei irritado comigo mesmo.

E não por contrição, de forma alguma, mas automaticamente, por assim dizer, resolvi recolher eu mesmo a escada. Essas escadas de corda costumam ser leves e fáceis de recolher, mas meu puxão vigoroso, que devia tê-la devolvido voando ao convés, limitou-se a me desequilibrar com uma resistência totalmente inesperada. Que diabo!… A escada recusava a se mover, e meu espanto foi tal que fiquei ali paralisado, tentando explicar aquilo para mim mesmo, como faria o imbecil do meu imediato. No fim das contas, claro, debrucei-me na amurada.

O costado do navio formava um cinturão opaco de sombra acima do brilho de vidro escuro das águas do mar. Mas vi na mesma hora uma forma clara e alongada boiando muito perto da escada. Antes que pudesse adivinhar o que era, um clarão breve e atenuado de luz fosforescente, que parecia emitido pelo corpo nu de um homem, cintilou na água imóvel com o efeito esquivo e silencioso de relâmpagos de verão num céu noturno. Com um arquejo de espanto, vislumbrei um par de pés, as pernas compridas, as costas largas e lívidas imersas até o pescoço em uma luz esverdeada que lhes conferia um tom cadavérico. Uma das mãos, à flor d’água, prendia-se ao primeiro degrau da escada. O homem aparecia inteiro, exceto pela cabeça. Um cadáver sem cabeça! O charuto despencou da minha boca aberta produzindo um som discreto ao cair na água e um chiado perfeitamente audível no silêncio absoluto de tudo que o céu cobria. E imagino que por isso ele ergueu o rosto, um oval pálido e indistinto à sombra do costado do navio. Mas mesmo então mal consegui distinguir o formato de sua cabeça coberta de cabelos negros. Ainda assim, bastou para dissipar a sensação

horrenda e gélida que me havia tomado na altura do peito. E o momento das exclamações fúteis também tinha passado. Só subi na verga sobressalente e me debrucei o máximo que pude na amurada, para ver mais de perto aquele mistério que flutuava junto ao flanco do navio.



Enquanto ele pendia da escada, como um nadador em repouso, os relâmpagos marinhos percorriam seus braços e pernas a cada movimento; e o revelavam espectral, prateado, lembrando um peixe. Mudo como um peixe,

também. E, além disso, nenhum gesto de sair da água. Era inimaginável que não lhe ocorresse subir a bordo, e estranhamente perturbador suspeitar que talvez não quisesse. E foi justamente o desconforto dessa incerteza que provocou minhas primeiras palavras.

"Qual é o problema?", perguntei num tom de voz normal, dirigindo-me ao rosto virado para cima diretamente abaixo do meu.

"Cãibras", ele respondeu, sem falar mais alto. E, em seguida, com uma certa ansiedade: "Quer dizer, não precisa chamar ninguém".

"Eu não ia chamar ninguém", respondi.

"Está sozinho no convés?"

"Sim."

Tive a impressão de que ele estava a ponto de largar a escada e se afastar a nado debaixo dos meus olhos – tão misteriosamente como chegara. Por enquanto, porém, esse ser que parecia ter brotado do fundo do mar (sem dúvida a extensão de terra mais próxima do navio) só queria saber as horas. Eu disse. E ele, ainda ali embaixo, me sondou:

"Seu capitão está dormindo?"

"Tenho certeza que não", respondi.

Pareceu que ele debatia consigo mesmo, pois ouvi algo que me pareceu um murmúrio abafado e amargo de dúvida. "De que adianta?" E suas palavras seguintes soaram com um esforço hesitante.

"Escute. Você pode ir chamar o capitão discretamente?"

Achei que tinha chegado a hora de revelar quem eu era.

"Sou eu o capitão."

Ouvi um "Santo Deus!" sussurrado à flor d'água. A fosforescência lampejou na agitação da água em torno dos seus braços e pernas, e sua outra mão agarrou a escada.

"Meu nome é Leggatt."

A voz era calma e resoluta. Uma voz boa. E o comedimento daquele homem de alguma forma induziu um estado correspondente em mim. E foi em voz muito baixa que observei:

"O senhor deve nadar muito bem."

"É. Estou na água praticamente desde as nove. A questão para mim é decidir se largo a escada e continuo, até afundar de exaustão, ou se subo a bordo aqui."

Senti que não era simples força de expressão, por desespero, mas uma alternativa real na visão de uma alma forte. E disso devo ter deduzido que ele era jovem; de fato, são só os jovens que se veem confrontados com questões dessa clareza. Mas naquele momento era pura intuição minha. Uma comunicação misteriosa já se estabelecia entre nós dois – diante daquele mar tropical escuro e

silencioso. Eu era jovem, também; tão jovem que não fiz nenhum comentário. O homem na água começou de repente a subir a escada, e me afastei às pressas da amurada para buscar algumas roupas.

Antes de entrar na minha cabine fiquei um tempo parado, escutando no corredor ao pé das escadas. Um ronco abafado ultrapassava a porta fechada da cabine do imediato. A porta do segundo-oficial estava aberta e presa com o gancho, mas o silêncio era absoluto na escuridão da cabine. Ele também era jovem, e capaz de dormir como uma pedra. Sobrava o taifeiro, mas duvido muito que acordasse antes de ser chamado. Peguei um pijama no meu quarto e retornando ao convés vi, sentado em frente à escotilha principal do navio, o homem nu do mar, de uma alvura reluzente na escuridão, os cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça nas mãos. Dali a um instante ele havia vestido o corpo molhado com um pijama do mesmo tecido riscado que eu usava, e veio atrás de mim até a popa como uma cópia minha. Juntos caminhamos para a ré do navio, descalços, silenciosos.



“O que houve?”, perguntei a ele com a voz abafada, tirando o lampião aceso da bitácula e erguendo o braço para iluminar seu rosto.

“Uma história feia.”

Ele tinha traços regulares; uma boca correta; olhos claros encimados por sobrancelhas um pouco espessas, além de escuras; uma testa lisa e quadrada; barba nenhuma; um bigode castanho aparado e um queixo redondo e bem formado. Sua expressão era concentrada e meditativa, à luz do lampião que ergui até seu rosto; o ar que pode exibir um homem entregue a uma intensa reflexão

solitária. Meu pijama cabia nele perfeitamente. Um jovem com boa constituição e no máximo vinte e cinco anos. Ele mordeu o lábio inferior com a borda de dentes brancos e regulares.

"Sim", eu disse, devolvendo o lampião à bitácula. A noite tropical, quente e pesada, tornou a fechar-se em torno da sua cabeça.

"Há um navio ancorado ali", ele murmurou.

"Sim, eu sei. O *Sephora*. E você sabia que estávamos aqui?"

"Não fazia ideia. Eu sou o imediato…" Fez uma pausa e emendou: "Devia dizer que *era*".

"Ah! Alguma coisa deu errado?"

"Sim. Muito errado. Matei um homem."

"Como assim? Agora há pouco?"

"Não, durante a travessia. Semanas atrás. Trinta e nove graus sul. E quando digo um homem…"

"Perdeu a cabeça", sugeri confiante.

A cabeça indistinta, com cabelos escuros como os meus, pareceu assentir com um meneio quase imperceptível acima do cinza espectral do meu pijama. Em plena noite, era como se me deparasse com meu próprio reflexo nas profundezas de um espelho imenso e sem luz.

"Coisa difícil de admitir, para alguém formado no navio-escola *Conway*", murmurou claramente meu duplo.

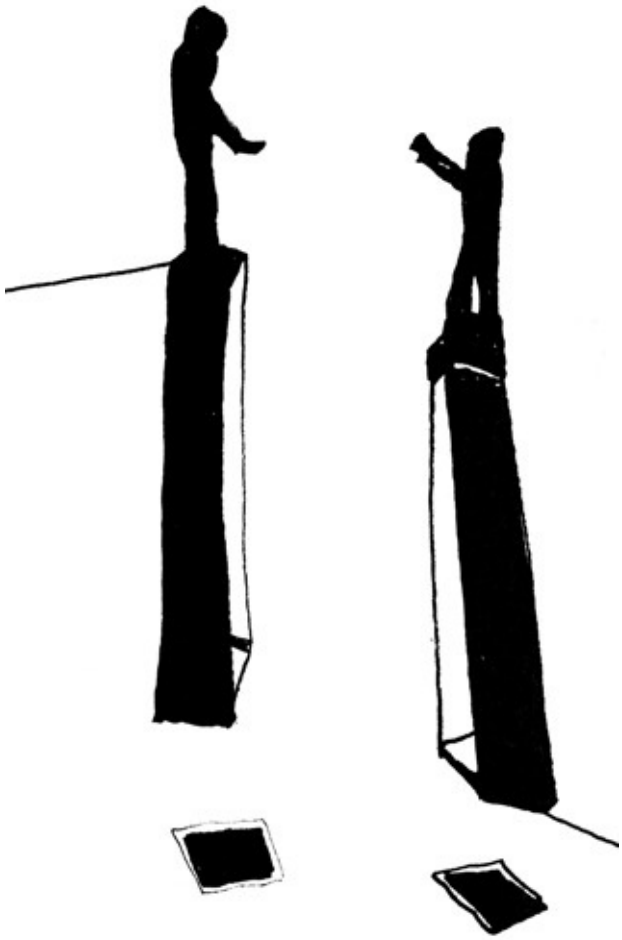
"Você passou pelo *Conway*?"

"Sim", ele respondeu, como num sobressalto. E depois, lentamente… "Talvez você também…"

De fato; mas, por ser alguns anos mais velho, já tinha saído quando ele entrou. Depois de uma rápida troca de datas caiu o silêncio; e pensei de repente no meu imediato extravagante com suas suíças assustadoras e seu tipo de intelecto "Pela minha alma – não me diga". E meu duplo me deu uma pista do que estava pensando, e disse: "Meu pai é pastor em Norfolk. Já me imaginou diante de um juiz e de um júri, acusado de assassinato? Por mim, não vejo a necessidade. Há pessoas que são um anjo do céu… Mas não sou assim. E ele era uma dessas criaturas que passam o tempo todo refervendo uma perversidade idiota. Demônios miseráveis que nem mereciam estar vivos. Não cumpria as tarefas que lhe davam, e não deixava mais ninguém cuidar das suas. Mas não adianta falar. Você conhece bem esse tipo de cão mal adestrado que vive mostrando os dentes…".

Ele apelava para mim como se as nossas experiências fossem tão idênticas quanto as nossas roupas. E eu conhecia muito bem o caráter pestilencial que esse tipo de personagem pode ter onde não existem meios de repressão legal. E

também sabia muito bem que aquele meu duplo não era um facínora homicida. Não me ocorreu perguntar os detalhes, e ele me contou uma versão aproximada da história em frases bruscas e desconectadas. O que me bastava. Pude ver tudo o que havia ocorrido como se fosse eu próprio o ocupante daquele outro pijama.



“Tudo aconteceu quando estávamos içando uma vela rizada no traquete, ao cair da noite. A vela do traquete, rizada! Dá para imaginar o tempo que fazia. E era a única vela que nos restava para garantir o avanço do navio; dá para

adivinhar como andava o tempo nos últimos dias. Uma faina complicada e nervosa. E ele, encarregado do cabo da escota, responde com aquela maldita insolência. Acontece que eu já estava esgotado com aquele tempo horrível que parecia interminável. Horrível, acredite – e o navio muito pesado. Acho que ele também estava meio louco de medo. Não era a ocasião para uma repreensão comedida, de modo que me virei e abati o sujeito como um boi. Ele se levantou e veio para cima de mim. E nos engalfinhamos bem no momento em que uma onda pavorosa varreu o navio. Todos viram a onda chegando e se agarraram ao cordame, mas eu tinha agarrado o homem pela garganta e continuava a sacudi-lo como um rato, os homens acima de nós gritando: 'Cuidado! Cuidado!'. Então, um estrondo como se o céu tivesse desabado na minha cabeça. Dizem que por mais de dez minutos não se enxergava quase nada do navio – só os três mastros, a parte dianteira do castelo de proa e um pouco do tombadilho, tudo tomado pela água, avançando em meio a uma nuvem cerrada de espuma. Foi por milagre que nos encontraram, enfiados juntos atrás das abitas do mastro de vante. E ficou claro que eu não estava brincando, pois continuava apertando a garganta dele quando nos levantaram. Ele estava com a cara roxa. Foi demais para os homens. Parece que correram para vante carregando nós dois juntos, ainda engalfinhados, gritando: 'Assassinato!', como um bando de lunáticos, e invadiram o refeitório. Enquanto isso o navio estava entregue à própria conta, o tempo todo em perigo, podendo se acabar a qualquer momento naquele mar de deixar qualquer um de cabelos brancos. Pelo que entendi, o capitão também começou a vociferar como os outros. Não sabia o que era dormir havia mais de uma semana, e deparar-se com aquilo no auge da fúria de um vendaval fez o homem perder a cabeça. E não sei como não me atiraram ao mar depois de arrancar das minhas mãos a carcaça do valioso companheiro. Tiveram muito trabalho para nos separar, pelo que me disseram. Uma história violenta assim há de causar certa impressão num velho juiz e num júri respeitável. A primeira coisa que ouvi quando voltei a mim foi o uivo ensandecedor daquele vendaval interminável, e mais a voz do velho. Segurava-se no meu beliche, olhando para mim por baixo do chapéu de oleado.

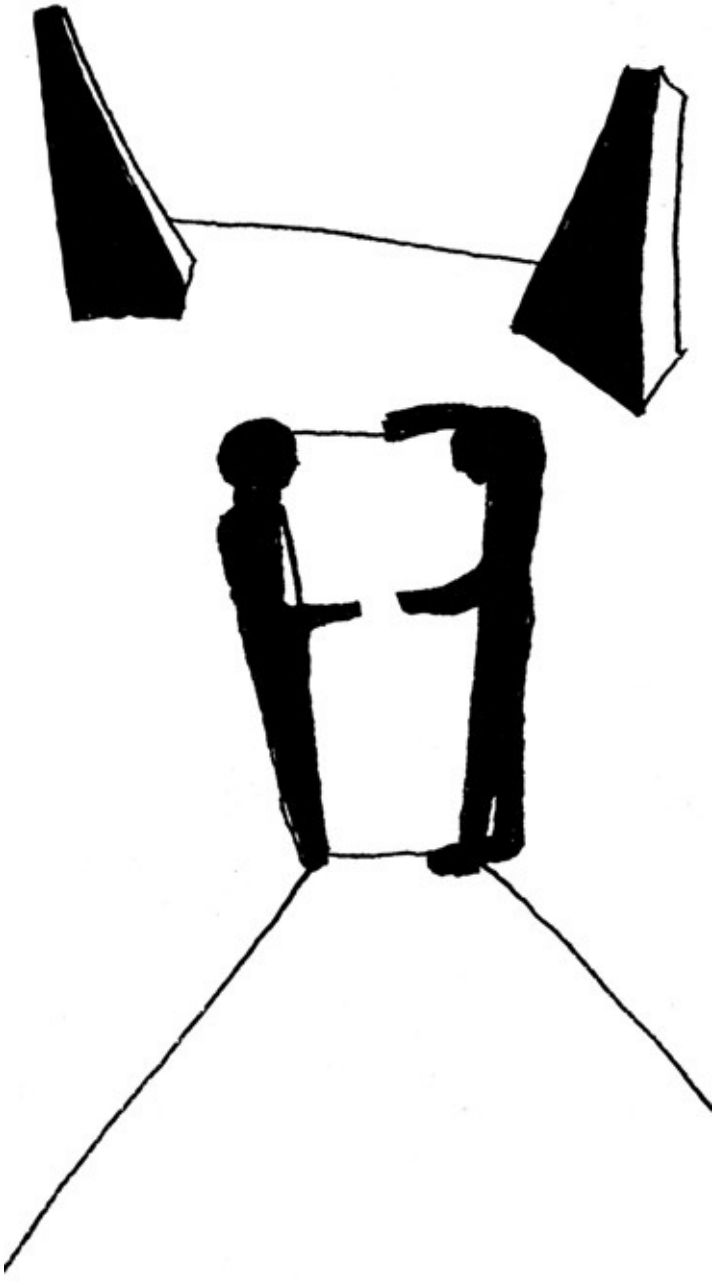
'Sr. Leggatt, o senhor matou um homem. Não pode mais servir como imediato deste navio.'"

O cuidado que tomava para manter a voz sob controle a fazia soar monótona. Tinha uma das mãos apoiada no alto do albói para manter o equilíbrio, e em momento algum fez qualquer movimento que eu percebesse. "Uma bela historinha para um tranquilo chá da tarde", concluiu sem mudar de tom.

Uma das minhas mãos também se apoiava no albói; e eu tampouco me mexia, que eu soubesse. Pouco mais de um palmo nos separava. E me ocorreu que o velho "Pela minha alma – não me diga", caso pusesse a cabeça para fora

da gaiuta e visse a nós dois, havia de pensar que estava enxergando em dobro, ou de imaginar-se diante de uma cena de sinistra bruxaria: o capitão estranho, junto à roda do leme, em discreta confabulação com seu próprio fantasma de cinza. Eu precisava evitar qualquer cena do tipo. Ouvia o tranquilizante murmúrio do outro.

"Meu pai é pastor em Norfolk", ele dizia. É evidente que havia esquecido que já me contara aquele fato crucial. Realmente, uma bela historinha.



“Melhor você se esconder logo no meu camarote”, disse eu, afastando-me a passos furtivos. Meu duplo copiou meus movimentos; nossos pés descalços não produziam nenhum som; deixei-o entrar à minha frente, fechei a porta com cuidado e, depois de chamar o segundo-oficial, retornei ao convés para a troca de vigia.

“Ainda sem muito sinal de vento”, observei quando ele se aproximou.

“Não, capitão. Não muito”, ele concordou sonolento, com a voz rouca e apenas um mínimo de deferência, nada mais, mal conseguindo conter os bocejos.

“Bom, é só o que o senhor precisa vigiar. Sabe quais são suas ordens.”

“Sim, senhor.”

Dei uma ou duas voltas pelo tombadilho, e antes de descer o vi assumir sua posição, de frente para a proa com o cotovelo apoiado nos enfrechates da enxárcia do mastro da mezena. O imediato continuava a roncar de leve, em plena paz. O lampião do refeitório permanecia aceso, iluminando a mesa em que se apoiava ainda um vaso de flores, gesto de consideração do aprovisionador do navio – as últimas flores que veríamos por pelo menos três meses. Duas pencas de bananas pendiam simetricamente da trave do teto, uma de cada lado do compartimento do leme. Tudo seguia como antes a bordo do navio – a não ser pelo uso simultâneo de dois pijamas de seu comandante, um imóvel no refeitório, o outro muito quieto no camarote do capitão.

Preciso explicar aqui que minha cabine tinha a forma de um L maiúsculo, com a porta situada no ângulo e abrindo para a haste mais curta da letra. Um divã ficava à esquerda, e a cama, encaixada num nicho, à direita; minha escrivaninha e a mesa do cronômetro ficavam de frente para a porta. Mas quem abrisse essa porta, a não ser que entrasse na mesma hora, não tinha a visão do que estou chamando de haste mais longa (ou vertical) da letra L. Nela, alguns armários se alinhavam debaixo de uma estante; e umas poucas roupas, um ou dois casacos mais grossos, gorros, uma capa de oleado e outras coisas do tipo, pendiam de cabides. Ao fundo dessa parte uma porta dava para o meu banheiro, em que também se podia entrar diretamente da sala de bordo. Mas esse acesso nunca era usado.

O misterioso recém-chegado já tinha descoberto as vantagens dessa configuração peculiar. Ao entrar na minha cabine, bem iluminada por um grande lampião de parede montado sobre uma base sempre em nível acima da minha escrivaninha, não o vi em lugar algum até ele sair em silêncio de trás dos casacos pendurados na parte em recesso.

“Ouvi alguém andando, e me enfiei ali na mesma hora”, sussurrou ele.

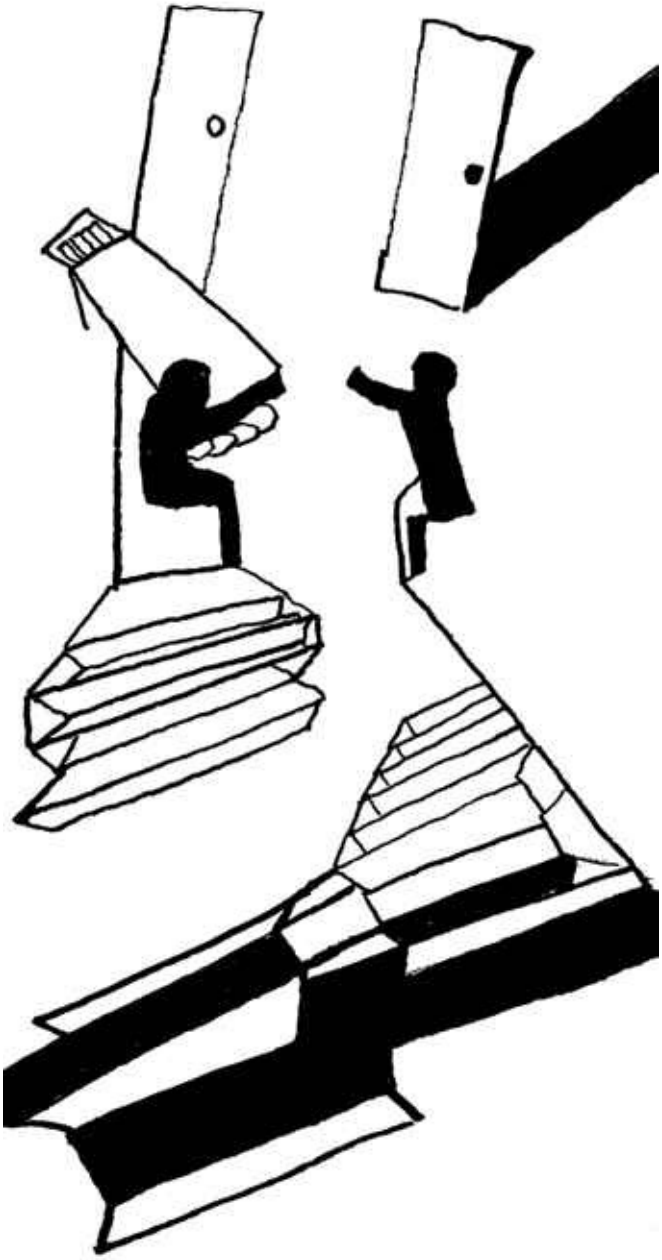
Respondi também a meia voz:

“É improvável que alguém entre aqui sem bater na porta e sem que eu dê

licença.”

Ele fez um sinal de aprovação. Seu rosto era magro e havia perdido o bronzeado, como depois de uma doença. E não admira. Passara, contou-me agora, quase sete semanas confinado em sua cabine. Mas seus olhos ou sua expressão não tinham nada de doentio. E não se parecia nem um pouco comigo, na verdade; ainda assim, os dois lado a lado junto ao nicho da minha cama, trocando sussurros com as cabeças próximas e de costas para a porta, qualquer um que se atrevesse a abri-la teria a visão desconcertante de um capitão em dobro entretido em conversar baixinho com seu outro eu.

“Mas isso ainda não me explica como o senhor apareceu pendurado na nossa amurada”, insisti, nos murmúrios quase inaudíveis que usávamos, após ele me contar mais um pouco do ocorrido a bordo do *Sephora* depois que o mau tempo passou.



“Quando avistamos a ponta de Java, eu já havia tido tempo de sobra para repassar essas questões várias e várias vezes. Foram seis semanas sem mais nada para fazer, e com apenas mais ou menos uma hora a cada noite para vagar pelo convés.”

Ele sussurrava, os braços cruzados ao lado do nicho da minha cama, olhando pela vigia aberta. E eu sabia exatamente como tinha sido aquela sua reflexão – uma operação obstinada embora não constante; coisa de que eu teria sido perfeitamente incapaz.

“Calculei que já estaria escuro quando chegássemos perto da costa”, continuou, tão baixo que eu precisava forçar os ouvidos apesar de muito próximo, meu ombro quase encostado no seu. “Então pedi para falar com o velho. Ele sempre parecia muito indisposto quando vinha me ver – como se não conseguisse olhar nos meus olhos. Sabe, aquela vela do traquete salvou o barco. O navio estava com a quilha afundada demais para navegar muito tempo com os mastros nus. E fui eu que consegui içar aquela vela para ele. De qualquer maneira, ele veio. Quando entrou na minha cabine – e ficou parado ao lado da porta, me olhando como se eu já estivesse com a corda no pescoço – eu lhe pedi antes de mais nada que deixasse a porta da minha cabine destrancada à noite, enquanto o navio percorria o estreito de Sonda. A costa de Java estaria a duas ou três milhas de distância, para além da ponta de Anyer. Era tudo o que eu queria. Ganhei um prêmio de natação no segundo ano do *Conway*.”

“Acredito”, sussurrei.

“Só Deus sabe por que me trancafiavam toda noite. Pela cara de alguns deles, pareciam ter medo de que eu saísse estrangulando gente no meio da noite. E eu sou uma besta assassina? É a impressão que dou? Deus do céu! Se fosse, ele não se arriscaria a entrar na minha cabine. Ou quem sabe eu podia empurrar logo o velho para um lado e sair correndo – já estava escuro. Mas não. E pela mesma razão nem me passava pela cabeça a ideia de arrombar a porta. Com o barulho viriam correndo, e eu não pretendia tornar a entrar num maldito tumulto. Alguém mais podia acabar morto – pois não iria me conformar de ter fugido só para ser agarrado de novo, e não queria mais me ver às voltas com isso. Ele recusou, com a aparência mais doentia do que nunca. Tinha medo dos homens, e também do velho segundo-oficial que navegava com ele havia muitos anos – um velho embusteiro de cabeça branca; o taifeiro também estava com ele sabe o diabo desde quando – dezessete anos ou mais –, um mandrião convicto que me odiava só porque eu era o imediato. E nenhum imediato chegou a fazer mais de uma viagem no *Sephora*, sabia? Os dois velhos tratantes é que mandavam no navio. Só o diabo sabe do que o capitão não estava morrendo de medo (a fibra dele desapareceu totalmente naquele período infernal de mau tempo) – do que a lei poderia lhe fazer – ou da mulher dele, talvez. Ah, sim! ela também está a bordo. Embora eu ache que ela não se intrometeria. Essa ficaria muito satisfeita de me ver fora do navio de algum modo. A tal história da ‘marca de Caim’, entende. Mas tanto faz. Eu estava pronto a sair vagando pela face da Terra – preço mais que suficiente por um Abel daquela laia. De qualquer maneira, ele não me deu ouvidos. ‘Isso precisa ser levado até o fim. Eu represento a lei a bordo.’ Tremia como uma vara verde. ‘Quer dizer que o senhor não concorda?’ ‘Não!’ ‘Então espero que consiga dormir depois disso’, disse eu, e virei-lhe as

costas. ‘Não sei como o senhor consegue!’, ele exclamou, e trancou a porta.

“Pois a partir daí não consegui dormir mais. Não muito bem. Isso foi três semanas atrás. Atravessamos devagar o mar de Java; ficamos uns dez dias à deriva no estreito de Karimata. Quando fundeamos aqui eles acharam, imagino, que estivesse tudo bem. A terra mais próxima (e são cinco milhas) é o destino do navio; o cônsul logo daria um jeito de me capturar; e não faria sentido contar com essas ilhotas. Imagino que não haja uma gota d’água nelas todas. Não sei como foi, mas hoje à noite o tal taifeiro, depois de me trazer o jantar, saiu para me deixar comer e largou a porta destrancada. E eu comi – tudo o que ele me trouxe. Depois de acabar, saí para dar uns passos no tombadilho. Nem sabia que tinha a intenção de fazer alguma coisa. Um sopro de ar fresco era só o que eu queria, acho. E então me ocorreu uma tentação repentina. Tirei os chinelos e já estava na água antes de ter chegado a uma decisão final. Alguém escutou minha queda no mar e deu início a um alarido medonho. ‘Ele fugiu! Baixem os botes! Ele se suicidou! Não, saiu nadando.’ E é claro que eu estava nadando. Para alguém que nada como eu, não é fácil suicidar-se por afogamento. Pus o pé em terra na ilhota mais próxima antes que o bote se afastasse do navio. Escutava os homens remando no escuro, conversando e falando com os outros a bordo, mas em pouco tempo desistiram. Tudo se acalmou, e o navio ancorado mergulhou num silêncio de morte. Sentei-me numa pedra e comecei a pensar. Estava certo de que iriam começar a me procurar com a luz do dia. Não tinha onde me esconder no meio dessas pedras – e, mesmo que tivesse, de que adiantaria? Mas agora que havia escapado daquele navio, não iria mais voltar. Então, depois de algum tempo tirei as roupas, amarrei todas numa trouxa com uma pedra dentro e joguei nas águas fundas do lado de fora daquela ilhota. Era o máximo que me permitia em matéria de suicídio. Podiam pensar o que quisessem, mas eu não planejava me afogar. Minha ideia era nadar até afundar – mas não é a mesma coisa. Parti na direção de outra dessas ilhotas, e foi de lá que avistei sua luz de ancoragem. Um ponto de destino. Continuei nadando com facilidade, e no caminho encontrei uma pedra chata, uns dois ou três palmos para fora da água. Com dia claro, imagino, deve ser visível do seu tombadilho com uma luneta. Subi na pedra e descansei um pouco. Depois parti de novo. O último trecho devia ter mais de uma milha.”



Seu sussurro estava ficando cada vez mais fraco, e ele olhava o tempo todo pela vigia, em que nem uma estrela se enxergava. Eu não o tinha interrompido. Havia alguma coisa na sua narrativa, ou talvez nele próprio, que tornava impossível qualquer comentário; uma certa sensação, uma qualidade, cujo nome não sei. E, quando ele parou, só me ocorreu um sussurro fútil: “Então você nadou na direção da nossa luz?”.

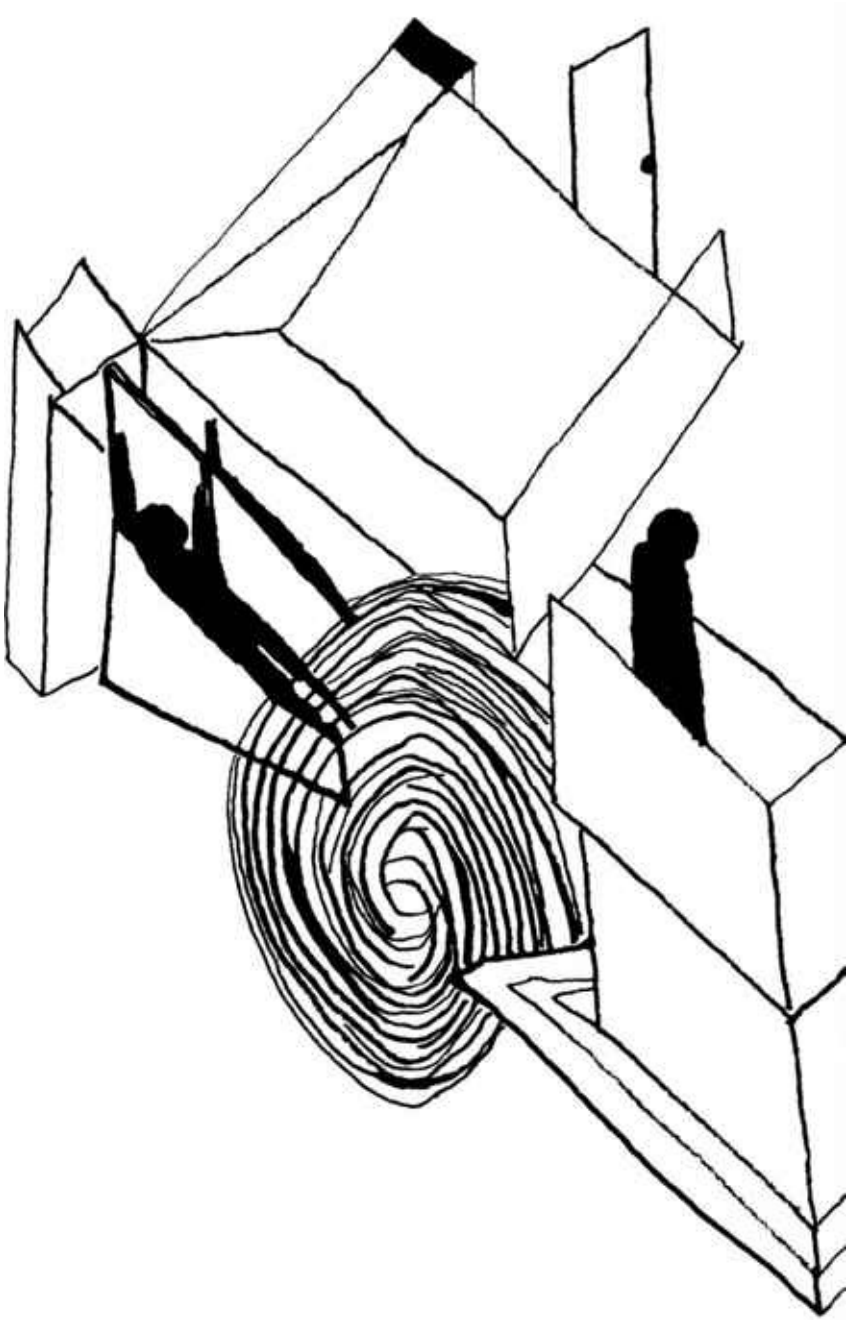
“Isso mesmo – direto para ela. Era um ponto de destino. Não conseguia ver as estrelas mais baixas porque a costa se erguia no caminho, nem conseguia

avistar o litoral. A água era um espelho. Poderia estar nadando numa imensa cisterna com mil pés de profundidade, sem nenhum ponto por onde pudesse sair; mas o que me incomodava era a ideia de ficar nadando à roda como um touro enlouquecido até perder as energias; e, como não tinha a intenção de voltar… Não. O senhor me imagina arrastado de volta, totalmente nu, agarrado pela nuca numa dessas ilhotas e me debatendo como um animal selvagem? Alguém teria morrido com toda a certeza, e eu não queria nada disso. Então continuei. E a sua escada…"

"E por que não gritou para o navio?", perguntei, em voz um pouco mais alta.

Ele tocou de leve no meu ombro. Passos preguiçosos soaram exatamente em cima de nossas cabeças antes de parar. O segundo-oficial tinha atravessado o tombadilho, vindo do outro lado, e talvez estivesse debruçado na amurada.

"Ele não pode ter escutado a nossa conversa – ou pode?", sussurrou meu duplo, ansioso, no meu ouvido.



E sua ansiedade era a resposta, resposta suficiente, à pergunta que eu lhe fizera. Uma resposta que abarcava toda a dificuldade da situação. Fechei a vigia sem fazer barulho, por via das dúvidas. Uma palavra mais alta poderia ser ouvida.

“Quem é?”, ele sussurrou.

“Meu segundo-oficial. Mas sei tão pouco sobre o rapaz quanto você.”

E lhe contei algo a meu respeito. Eu tinha sido nomeado para o comando quando menos esperava alguma coisa do tipo, nem quinze dias antes. Não

conhecia o navio, nem o pessoal de bordo. E no porto não havia tido tempo para olhar bem à minha volta ou avaliar ninguém. A tripulação, tudo que sabia era que eu fora indicado para comandar a viagem de regresso. Quanto ao resto, eu era quase tanto quanto ele um intruso a bordo, completei. E aquele foi o momento em que esse meu sentimento foi mais agudo. Bastaria muito pouco para me tornar uma pessoa suspeita aos olhos da minha tripulação.

Ele tinha se virado de frente para mim; e nós, os dois intrusos no navio, nos vimos face a face com a mesma postura.

“A sua escada…”, murmurou ele, depois de um silêncio. “Quem poderia imaginar encontrar uma escada para fora da amurada, à noite, num navio fundeado em pleno mar! E bem nessa hora senti uma fraqueza incômoda. Com a vida que vinha levando nas últimas nove semanas, qualquer um teria ficado fora de forma. Não conseguiria nadar ao redor do navio até as correntes do leme. E o que vejo? Uma escada em que podia me segurar. Depois de me agarrar a ela, pensei comigo: ‘De que adianta?’. Quando vi uma cabeça olhando na minha direção, pensei em sair nadando na mesma hora e deixar o homem aos gritos – na língua que fosse. Tanto fazia que me visse. Eu – eu até gostei. E depois o senhor falou comigo tão baixinho – como se estivesse à minha espera – e me fez ficar mais um pouco. Tinha sido tempo demais numa solidão maldita – e não falo da travessia a nado. Era bom poder conversar com alguém que não era do *Sephora*. Quanto a ter perguntado pelo capitão, foi um impulso. Não iria adiantar de nada, com todo o navio sabendo de mim e os outros certamente chegando aqui pela manhã. Não sei – eu queria ser visto, conversar com alguém, antes de seguir em frente. Não sei o que teria dito… ‘Bela noite, não é?’, ou coisa parecida.”

“Você acha que vão aparecer aqui?”, perguntei com certa incredulidade.

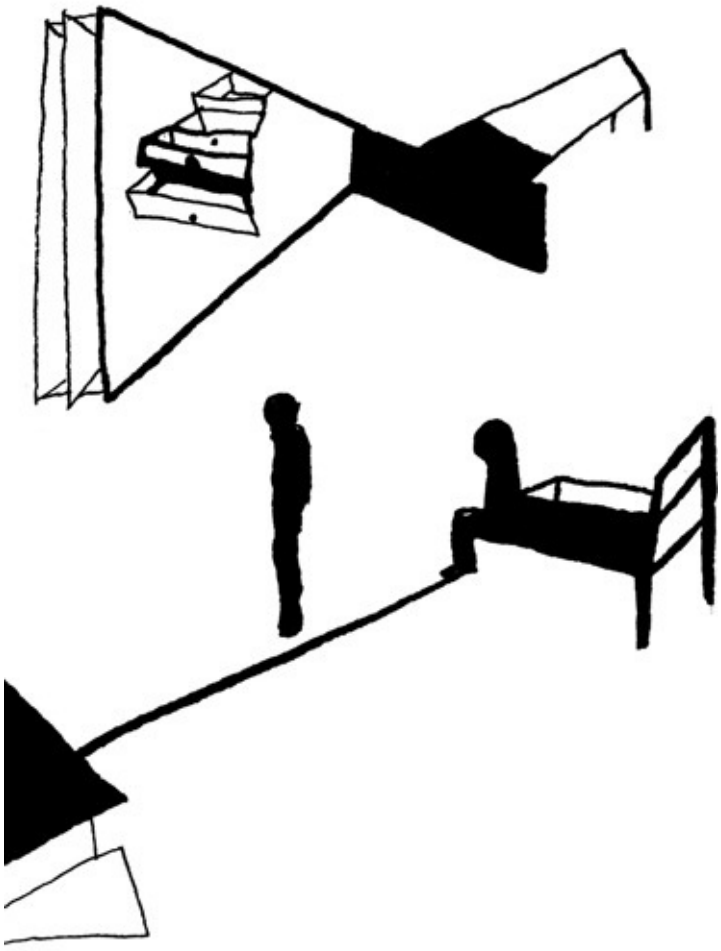
“Muito provavelmente”, respondeu ele em voz fraca.

De uma hora para outra, ele me pareceu exausto. Sua cabeça desabava nos ombros.

“Hm. Então veremos. Por enquanto, entre na cama”, murmurei. “Quer ajuda? Pronto.”

Era uma cama alojada num nicho razoavelmente alto, acima de várias gavetas. Aquele nadador formidável precisou de fato do impulso que lhe dei, levantando a sua perna. Desabou dentro do nicho e rolou até parar deitado de costas, cobrindo os olhos com um dos braços. E nesse momento, com o rosto quase oculto, estava igual à minha possível aparência deitado naquela cama. Fiquei algum tempo olhando para meu outro eu antes de fechar com cuidado as duas cortinas verdes de sarja que corriam por uma barra de latão. Cheguei a pensar em prendê-las para maior segurança, mas me sentei no divã e, depois

disso, não senti nenhuma disposição de me levantar e sair à cata de um alfinete. Mais tarde, quem sabe. Sentia um cansaço extremo, especialmente profundo, com a tensão das ações furtivas, o esforço de falar aos cochichos e o caráter clandestino de toda aquela agitação. A essa altura, já eram três horas e eu estava de pé desde as nove, mas não sentia sono; não tinha como adormecer. Continuei ali sentado, totalmente esgotado, olhando para as cortinas, tentando dissipar a confusa sensação de que estava em dois lugares ao mesmo tempo, e muito incomodado pelas batidas exasperantes dentro da minha cabeça. E foi um alívio finalmente descobrir que não vinham da minha cabeça, mas do lado de fora da porta. Antes que pudesse me recompor, as palavras “Pode entrar” já haviam deixado a minha boca, e o taifeiro entrou com meu café da manhã numa bandeja. Eu tinha dormido, afinal, e meu medo foi tamanho que gritei: “Desse lado! Estou aqui, taifeiro”, como se milhas de distância nos separassem. Ele pousou a bandeja ao lado do divã e só então me disse, em voz muito baixa: “Estou vendo que o senhor está aqui”. Senti que me lançava um olhar penetrante, mas não me atrevi a fitá-lo naquele momento. Ele deve ter se perguntado por que eu teria fechado as cortinas da minha cama antes de adormecer no divã. E, como de costume, saiu deixando a porta presa ao gancho que a mantinha aberta.



Ouvi a tripulação lavando os conveses acima da minha cabeça. Sabia que me avisariam na hora em que surgisse algum vento. Era uma calmaria, pensei, que me afetava duplamente. Na verdade, eu me sentia mais duplicado do que nunca. O taifeiro reapareceu de repente à minha porta. Levantei-me num arranco tão rápido que ele teve um sobressalto.

“O que você quer?”

“Fechar sua vigia, capitão – estão lavando o convés.”

“Ela já está fechada”, respondi, corando.

“Então muito bem, capitão.” Mas não arredou da porta, e respondeu ao meu olhar com uma expressão ao mesmo tempo incomum e equívoca. Em seguida seus olhos hesitaram, sua expressão toda mudou, e numa voz especialmente gentil, quase aduladora:

“Posso entrar para recolher a xícara vazia?”

“Claro!” Dei-lhe as costas enquanto ele entrava na cabine e depois saía. Então soltei o gancho que prendia a porta aberta e até passei o ferrolho para trancá-la. Aquele tipo de coisa não podia continuar por muito tempo. E a cabine estava quente como um forno. Dei uma espiada no meu duplo e constatei que não tinha se mexido, com o braço ainda atravessado sobre os olhos; mas seu peito se movia; os cabelos estavam úmidos; o queixo brilhava de transpiração. Estendi o braço por cima dele e abri a vigia.

“Preciso aparecer no convés”, refleti.

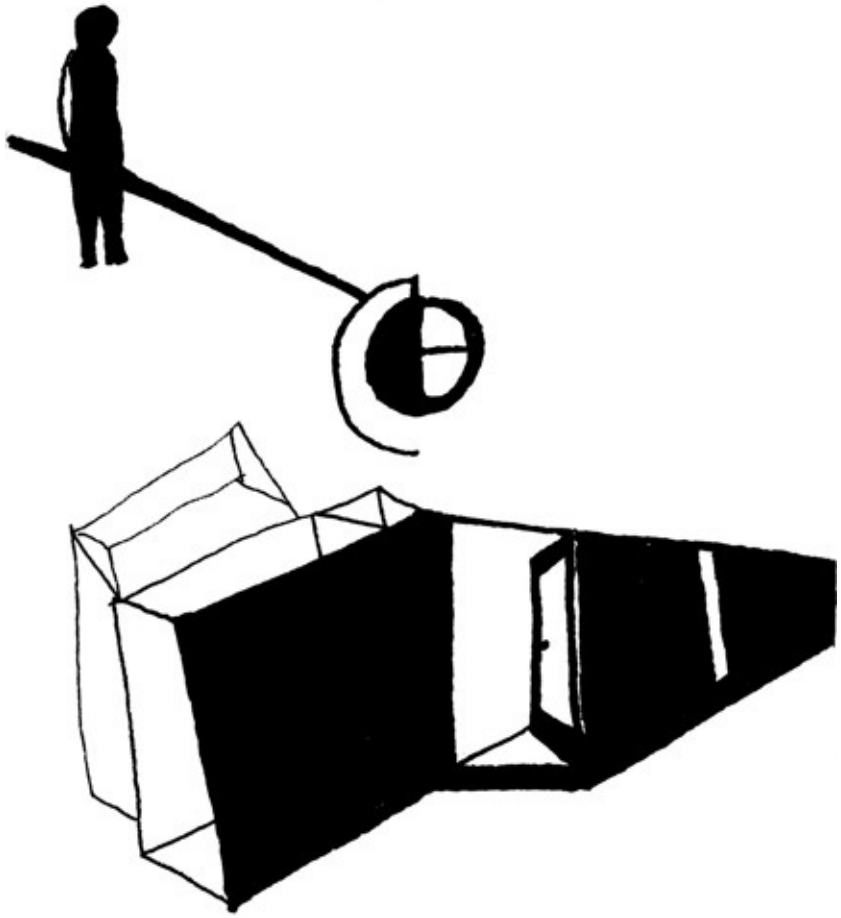
Teoricamente, é claro, podia fazer o que bem quisesse, sem ninguém para me negar o que fosse a toda volta do horizonte; mas trancar a porta da cabine e levar a chave comigo eu não ousava. Assim que pus a cabeça para fora da gaiuta, vi os oficiais reunidos, o segundo-oficial descalço, o imediato calçando botas compridas de borracha, perto do fim do tombadilho, e o taifeiro a meio caminho de descer para a popa, em conversa animada com os outros dois. Por acaso ele percebeu minha presença e sumiu na hora, enquanto o jovem segundo-oficial saía pelo convés principal gritando alguma ordem e o imediato vinha ao meu encontro, encostando os dedos na pala do quepe.

Havia em seus olhos um tipo de curiosidade que me desagradou. Não sei se o taifeiro lhes dissera que eu parecia só “esquisito” ou francamente bêbedo, mas sei que ele estava determinado a me examinar de perto. Observei seu avanço com um sorriso que, quando ele chegou ao alcance de um disparo à queima-roupa, produziu o devido efeito e congelou até suas suíças. E nem lhe dei tempo de abrir a boca.

“Bracear as vergas para vento de popa, antes que os homens tomem o desjejum.”

Era a primeira ordem específica que eu dava a bordo daquele navio; e ainda fiquei no convés para acompanhar a faina. Sentia a necessidade de confirmar minha autoridade sem perda de tempo. O novato que me olhava com ar de desdém atenuou um pouco a pose, e aproveitei ainda a oportunidade para fitar bem o rosto de cada um dos homens do mastro de vante quando passaram por mim a caminho das vergas de ré. Na hora do desjejum, sem comer nada, presidi à mesa com dignidade tão gélida que os dois oficiais se apressaram em debandar da cabine assim que a decência lhes permitiu; e, o tempo todo, a duplicidade do meu espírito me perturbava quase ao ponto da insanidade. Eu me controlava o

tempo todo, e pensava no meu eu secreto, tão sujeito ao efeito de cada gesto meu quanto minha própria personalidade, adormecido naquela cama, por trás daquela porta que, sentado à cabeceira da mesa, eu tinha à minha frente. Era muito parecido com estar louco, mas ainda pior, porque eu tinha consciência de tudo.



Precisei sacudi-lo por um minuto inteiro, mas quando ele finalmente abriu os olhos estava de plena posse de seus sentidos, com um ar de interrogação.

“Tudo bem até aqui”, sussurrei. “Agora você precisa se esconder no

banheiro.”

O que ele fez, silencioso como um fantasma, antes de eu tocar a sineta para chamar o taifeiro e, fitando destemido seus olhos, instruí-lo para arrumar minha cabine enquanto eu tomava banho – “e depressa”. Como meu tom não admitia evasivas, ele respondeu: “Sim, senhor”, e saiu correndo em busca da pá de lixo e das vassouras. Tomei um banho e me vesti quase todo, fazendo barulho com a água e assobiando baixinho em benefício do taifeiro, enquanto o passageiro secreto que compartilhava minha vida permanecia imóvel e muito esticado naquele espaço restrito, o rosto com um ar muito abatido à luz do dia, as pálpebras baixadas sob a linha austera e grave das sobrancelhas, aproximadas por uma ligeira contração.

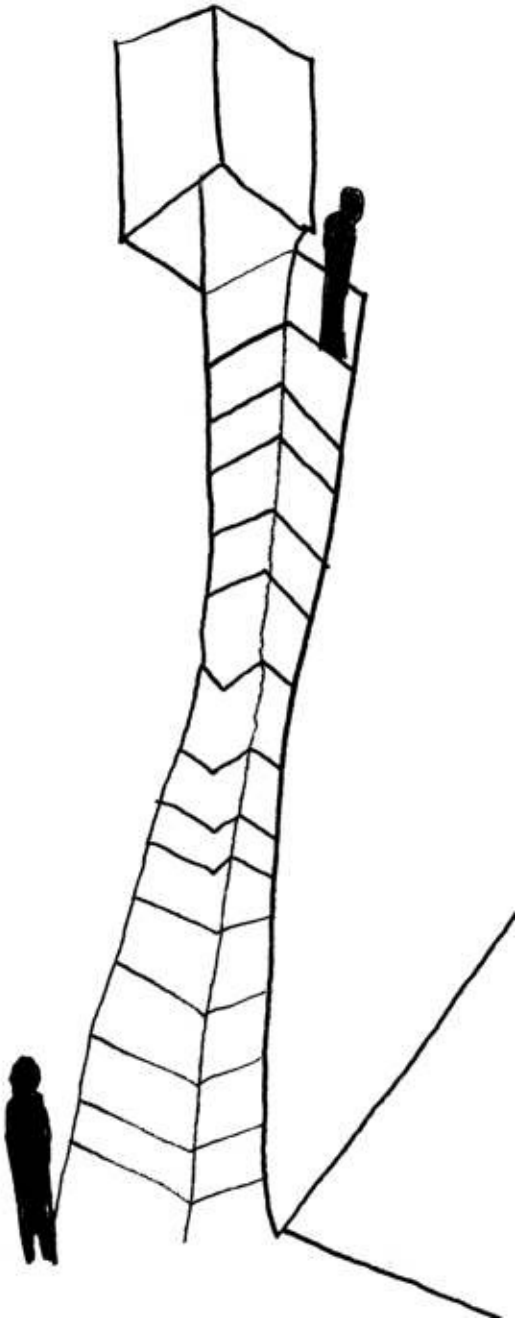
Quando o deixei lá para voltar à minha cabine, o taifeiro acabava de tirar o pó. Mandei chamar o imediato e travei com ele uma conversa sem importância. Estava, por assim dizer, fazendo pouco do caráter assustador das suas suíças; mas minha intenção era dar-lhe oportunidade de examinar bem minha cabine. Depois disso poderia finalmente fechar, sem peso na consciência, a porta do meu camarote e trazer meu duplo de volta para o seu recesso. Não havia outro jeito. E ele precisou ficar quieto, sentado numa banqueta dobrável, quase sufocado pelos casacos pesados que pendiam dos cabides. Ouvimos o taifeiro entrar no banheiro vindo da sala de bordo, enchendo as garrafas de água, esfregando a banheira, pondo tudo no lugar com muito barulho – depois sair de volta para a sala de bordo – girar a chave – clique. Foi esse meu esquema para manter invisível meu segundo eu. O máximo que consegui planejar nas circunstâncias. E lá ficamos os dois sentados; eu à minha escrivaninha, pronto para dar a impressão de atarefado com alguns papéis, ele atrás de mim, impossível de ver da porta. Não seria prudente conversarmos durante o dia; e eu não teria suportado a estafa daquela estranha sensação de estar sussurrando comigo mesmo. De tempos em tempos, olhando por cima do ombro, eu o via no recesso da cabine, sentado muito ereto na banqueta baixa, os pés descalços reunidos, os braços cruzados, a cabeça pendendo no peito – e perfeitamente imóvel. Qualquer um o confundiria comigo.

Eu próprio estava fascinado. A cada momento, precisava espiar por cima do ombro. E estava olhando para ele quando uma voz fora da porta disse:

“Desculpe, capitão.”

“Pois não!…” Mantive os olhos fixos no meu duplo, e assim, quando a voz fora da porta anunciou: “Um bote de outro navio vindo na nossa direção”, percebi que ele teve um sobressalto – o primeiro movimento que fazia em várias horas. Mas não ergueu a cabeça pendente.

“Está bem. Baixem a escada.”



Hesitei. Deveria sussurrar alguma coisa para ele? Mas o quê? Nem parecia que sua imobilidade fora perturbada. O que mais poderia dizer que ele já não soubesse?… Finalmente, subi para o convés.

2

O comandante do *Sephora* usava finas suíças ruivas à volta de todo o rosto, com o tipo de pele que costuma acompanhar os cabelos dessa cor; e também os olhos, de um certo matiz de azul sarapintado. Não era exatamente uma figura imponente; seus ombros eram altos, a estatura, apenas mediana – uma das pernas um pouco mais arqueada que a outra. Trocou um aperto de mão comigo, correndo um olhar vago ao redor. Uma tenacidade sem muita energia era sua principal característica, julguei. Comportei-me com uma polidez que parecia deixá-lo desconcertado. Talvez fosse tímido. Falava aos murmúrios, como que envergonhado do que dizia; declarou seu nome (era algo como Archbold – mas tantos anos se passaram que não tenho certeza plena), o nome do seu navio e outras informações da mesma ordem, à maneira de um criminoso que recita uma confissão relutante e dolorosa. Enfrentara um mau tempo terrível na travessia de vinda – terrível – terrível – e com a mulher a bordo, ainda por cima.

A essa altura, estávamos sentados na área das cabines e o taifeiro nos trouxe uma bandeja com uma garrafa e dois copos. “Não! Obrigado.” Nunca bebia álcool. Um pouco de água, porém, ele aceitaria. E tomou dois copos cheios. Aquilo tudo lhe dava muita sede. Desde o amanhecer, vinha explorando as ilhas ao redor do seu navio.

“Para quê – por diversão?”, perguntei, aparentando um interesse cortês.

“Não!” Ele suspirou. “Rigores do dever.”

Como persistisse em falar aos murmúrios e eu quisesse que meu duplo escutasse cada palavra, ocorreu-me a ideia de lhe dizer que eu tinha problemas de audição.

“Mas tão jovem ainda!”, ele balançou a cabeça, mantendo os olhos azuis manchados e pouco inteligentes fixos em mim. “Qual foi a causa – alguma doença?”, perguntou sem sinal de compaixão, como se acreditasse que, se era assim, eu havia de ter feito por merecer.

“Sim; uma doença”, admiti num tom alegre que pareceu deixá-lo chocado. Mas consegui o que queria, porque agora ele passou a usar uma voz mais alta para a sua narrativa. Não vale a pena registrar sua versão. Fazia pouco mais de dois meses que tudo tinha acontecido, e ele havia pensado tanto a respeito que parecia completamente tonto quanto ao caso, mas ainda imensamente impressionado.

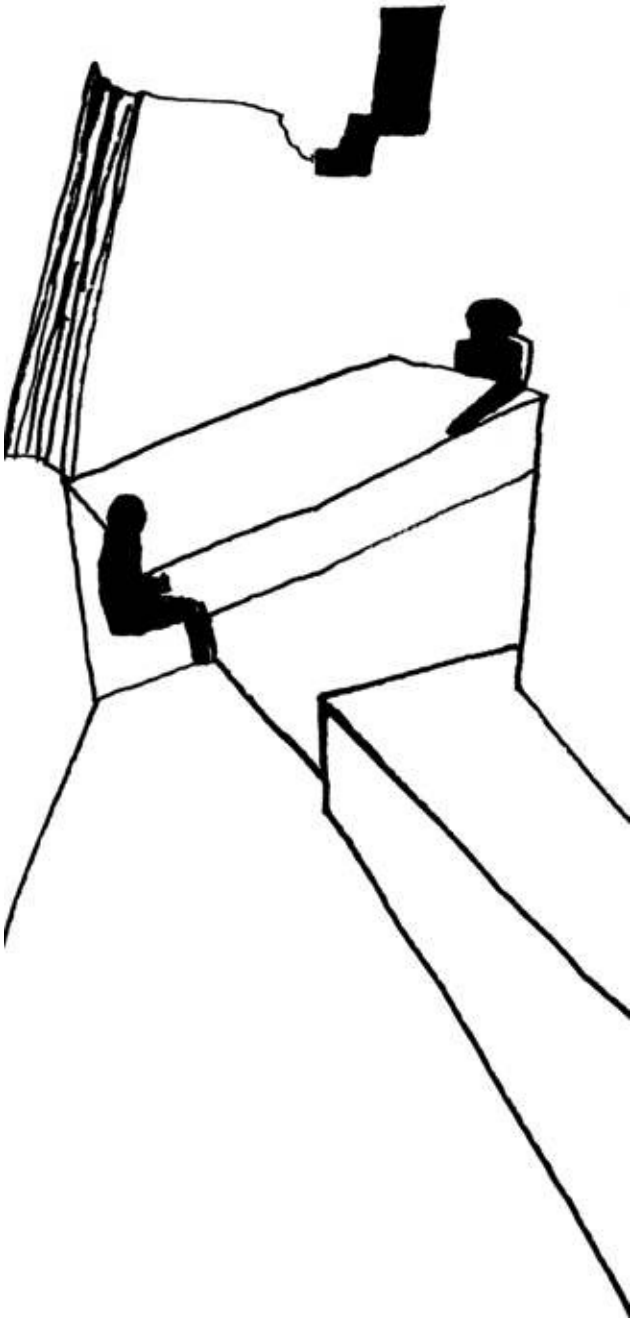
“O que o senhor acharia se uma coisa assim ocorresse a bordo do seu navio? Faz quinze anos que comando o *Sephora*. Sou um comandante bem conhecido.”

Sua aflição era intensa e flagrante – e pode ser que eu o tratasse com maior empatia se conseguisse desconectar minha visão mental do parceiro clandestino na minha cabine, como um segundo eu. Encontrava-se do outro lado de uma antepara, a menos de um metro e meio dos dois capitães reunidos na sala de

bordo. Eu encarava educadamente o capitão Archbold (se era esse mesmo o nome dele), mas era o outro que eu via, de pijama cinza, sentado numa banqueta baixa, os pés descalços lado a lado, os braços cruzados, e cada palavra que trocávamos caía nos ouvidos daquela cabeça que pendia sobre o peito.

"Já venho navegando desde menino, há trinta e sete anos, e nunca soube que coisa semelhante tenha ocorrido num navio inglês. E que aconteça logo no meu navio. Com a minha mulher a bordo, ainda por cima."

Eu mal atentava para suas palavras.



“O senhor não acha”, perguntei, “que, de acordo com o que me contou, a onda imensa que invadiu o navio naquela hora não possa ter sido a causa da morte? Já vi o peso de uma onda matar um homem de maneira inequívoca, simplesmente partindo seu pescoço.”

“Deus do céu!”, ele exclamou com uma ênfase impressionante, fixando em mim seus olhos de um azul manchado. “Uma onda do mar? Nenhum homem morto pelo mar fica daquele jeito.” Parecia francamente escandalizado ante a minha sugestão. E enquanto eu continuava a olhar para ele, certamente despreparado para qualquer manifestação original de sua parte, aproximou a cabeça da minha e mostrou-me a língua num gesto tão inesperado que não consegui evitar um arranco para trás.

Depois de aniquilar minha placidez de maneira tão pitoresca, fez um gesto sensato com a cabeça. Se eu tivesse visto a cena, garantiu-me, não me esqueceria dela pelo resto da vida. O tempo estava tão ruim que não permitiu um sepultamento adequado em alto-mar. Assim, no amanhecer do dia seguinte, levaram o corpo ao tombadilho, cobrindo seu rosto com um pedaço de tecido; ele leu uma breve oração, e então atiraram o corpo, ainda vestindo a capa de oleado e as botas altas, em meio às ondas gigantescas que pareciam prontas para engolir a qualquer momento o próprio navio e as vidas apavoradas que transportava.

“A vela rizada do traquete salvou o navio”, opinei.

“Por Deus – salvou mesmo”, exclamou com fervor. “Foi graças a uma indulgência especial, acredito piamente, que ele resistiu àquelas borrascas.”

“E foi a abertura dessa vela que…”, comecei.

“Foi a mão de Deus”, interrompeu-me. “Nada menos teria dado conta. E não me importo de admitir que mal me atrevi a dar a ordem. Parecia impossível que pudéssemos usar qualquer vela sem perdê-la, o que seria o fim de nossa última esperança.”

O terror daquele furacão persistia nele. Deixei que falasse um pouco mais, depois observei, em tom casual – como se voltasse a um assunto menor:

“E imagino que o senhor estivesse ansioso para entregar seu imediato ao pessoal de terra?”

Estava. À lei. E essa sua obscura tenacidade tinha algo de incompreensível e um tanto assombroso; um elemento místico, por assim dizer, além de sua ansiedade por não despertar suspeitas de “contemporizar com coisas desse tipo”. Trinta e sete anos de virtude no mar, pelo menos vinte dos quais de comando impecável, os últimos quinze no *Sephora*, pareciam impor-lhe a obrigação de se mostrar impiedoso.

“E o senhor sabe”, prosseguiu, trazendo encabulado o que sentia à tona, “não

fui eu que contratei esse jovem. A família dele tinha alguma ligação com os proprietários. E fui de certa maneira obrigado a aceitá-lo. Ele parecia muito alerta, muito distinto e tudo o mais. Mas sabe – jamais gostei muito dele. Sou um homem direto. E ele, se me entende, não era exatamente do tipo certo para imediato de um navio como o *Sephora*.”

Sentia-me tão conectado em pensamentos e impressões com o passageiro secreto da minha cabine que tive a impressão de que o capitão me dizia, a mim, pessoalmente, que eu tampouco era do tipo que serviria para imediato de um navio como o *Sephora*. Não havia em meu espírito a menor dúvida quanto a isso.

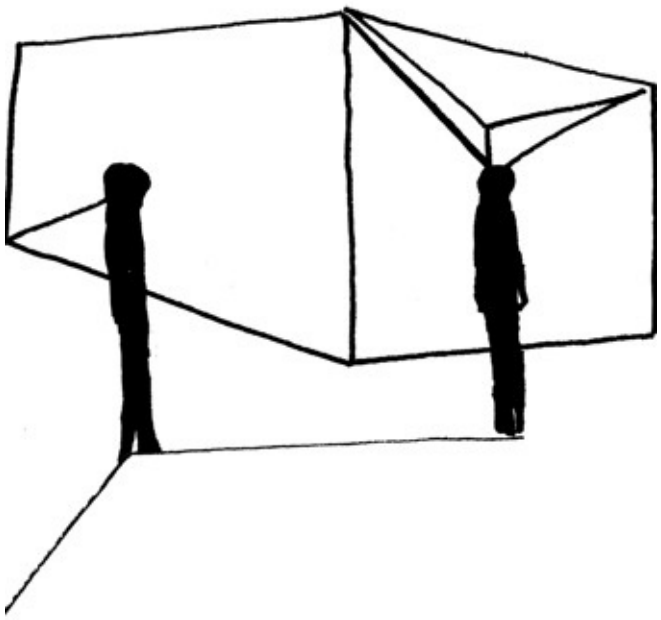
“Nem de longe o estilo certo de homem. O senhor entende”, ele insistiu superfluamente, lançando-me um olhar intenso.

Dei um sorriso cortês. Por um instante ele me pareceu desconcertado.

“Imagino que vou ter de relatar um suicídio.”

“Perdão?”

“Suicídio! É o que vou ter de escrever para os proprietários assim que atracar.”





“A menos que consiga encontrar o homem antes de amanhã”, concordei em tom neutro… “Quer dizer, com vida.”

Ele murmurou algo que não escutei realmente, e virei meu ouvido em sua direção com um ar intrigado. E ele praticamente berrou:

“A terra – quer dizer, o continente fica a pelo menos sete milhas do ponto onde ancorei.”

“Mais ou menos.”

Minha falta de alvoroço, curiosidade, surpresa ou qualquer tipo de interesse

mais pronunciado começou a despertar sua desconfiança. Mas, além da oportuna simulação de surdez, não tentei fingir mais nada. Sentia-me totalmente incapaz de desempenhar o papel de ignorante, e por isso tinha medo de tentar. Também é certo que ele já trazia alguma suspeita pronta, e que encarava minha cortesia como um fenômeno estranho e fora do normal. Mas de que outra forma eu poderia tê-lo recebido? Não cordialmente! Era impossível por razões psicológicas, que nem preciso enumerar aqui. Meu objetivo era apenas evitar suas perguntas. Rispidamente? Sim, mas a rispidez podia provocar alguma pergunta à queima-roupa. Por lhe ser tão pouco habitual e por sua própria natureza, a cortesia estrita era a postura com maiores probabilidades de refrear aquele homem. Mas havia o perigo de que rompesse minha defesa sem cerimônia. Eu não poderia, acredito, tê-lo enfrentado com uma mentira direta, também por razões psicológicas (e não morais). Se ele adivinhasse quanto medo eu sentia de ver posto à prova meu sentimento de identificação com o outro! Entretanto, muito estranhamente – (o que só me ocorreria mais tarde) –, acho que ele se viu bastante desconcertado diante do outro lado daquela situação bizarra, de alguma coisa em mim que lhe lembrava o homem que perseguia – que lhe sugeria uma enigmática semelhança com o jovem de que tinha desconfiado e com quem antipatizara desde o primeiro momento.

Seja como for, o silêncio não se prolongou por muito tempo. E ele deu mais um passo oblíquo.

“Calculo que eu estivesse a não mais de duas milhas do seu navio. Nada mais.”

“Distância mais que prudente, nesse calor medonho”, rebati.

Seguiu-se mais uma pausa prenhe de suspeitas. A necessidade, dizem, é a mãe da invenção, mas o medo também não deixa de engendrar sugestões engenhosas. E eu temia que ele me perguntasse abruptamente pelo meu outro eu.

“Boa esta sala, não acha?”, comentei, como se acabasse de perceber como seus olhos perambulavam pelas portas fechadas. “E muito bem aparelhada. Aqui, por exemplo”, continuei, estendendo indiferente o braço por cima do encosto da minha cadeira e escancarando a porta, “é o meu banheiro.”

Ele reagiu com um movimento ansioso, mas mal olhou para lá. Levantei-me, fechei a porta do banheiro e o convidei a percorrer o navio, como se me orgulhasse das minhas acomodações. Ele teve de levantar-se e deixar-se conduzir, mas não manifestou nenhum entusiasmo pela visita.

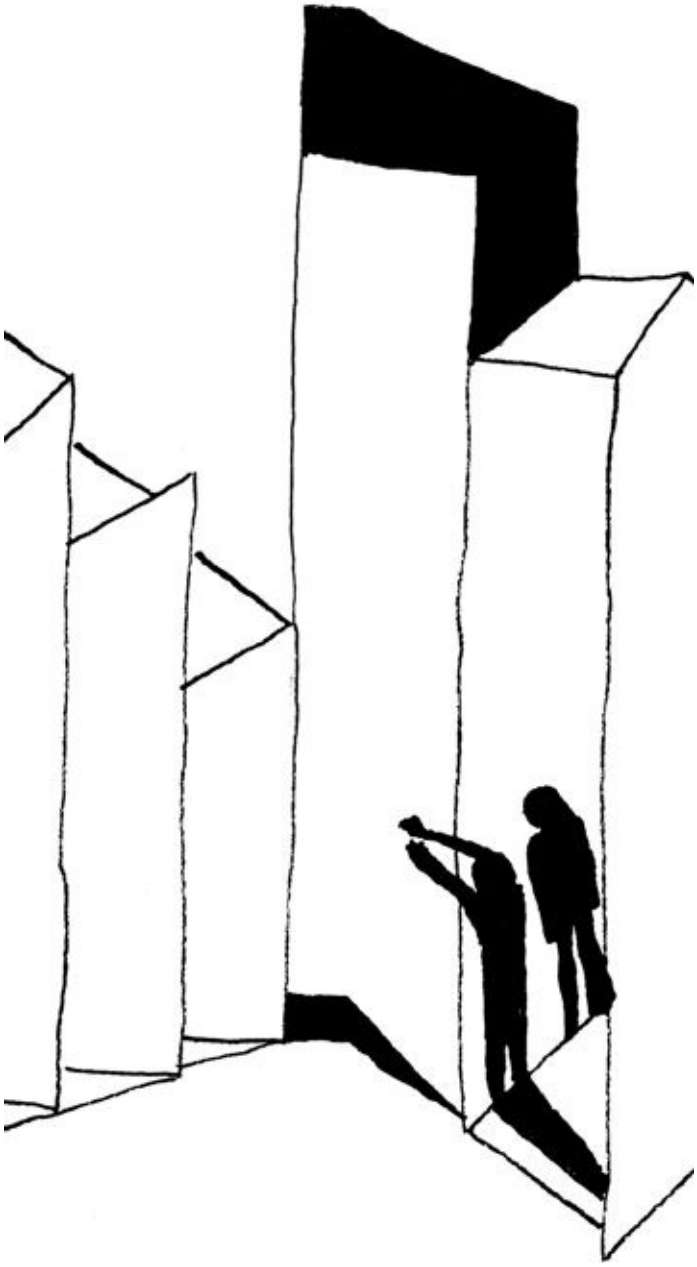
“E agora vamos olhar meu camarote”, declarei, com a voz mais alta que ousava emitir, atravessando a sala para estibordo com passos intencionalmente pesados.

Ele entrou atrás de mim, correndo os olhos por tudo. Meu duplo, inteligente,

havia sumido. Eu representava meu papel.

“Muito conveniente – não acha?”

“Muito bom. Muito conf…” Mas não terminou, e fez menção de sair, como se tentasse escapar de algum ardil maléfico. Mas não conseguiu. Meu medo tinha sido demasiado para eu agora não estar decidido à vingança; senti que ele batia em retirada, e resolvi mantê-lo acuado. Minha insistência cordial deve ter soado ameaçadora, porque bruscamente ele cedeu. E não o poupei de nenhum compartimento; a cabine do imediato, a despensa, os porões, até mesmo o paiol das velas que também ficava sob o tombadilho – forcei-o a examinar um por um. Quando finalmente o conduzi de volta ao convés superior, ele emitiu um longo suspiro de desânimo e murmurou com desalento que precisava muito voltar agora para o seu navio. Ordenei a meu imediato, que se juntara a nós, que cuidasse do bote do capitão.



O homem de suíças soprou o apito que sempre trazia pendurado no pescoço, e berrou: “O *Sephora* está partindo!”. Embaixo na minha cabine meu duplo deve ter escutado, e seu alívio não há de ter sido maior que o meu. Quatro marujos surgiram correndo de algum lugar na proa e desceram pelo costado, enquanto meus próprios tripulantes, aparecendo também no convés, alinhavam-se ao longo da amurada. Escoltei meu visitante com toda a cerimônia até o portaló, e quase passei da conta. Ele era de uma tenacidade feroz. Já na escada, demorou-se mais um pouco e disse, com aquela maneira única, conscienciosa e culpada de

se ater ao essencial:

“Com que então… o senhor… o senhor não acha que…”

Cobri suas palavras em voz muito alta:

“Claro que não… Encantado. Adeus.”

Tinha uma ideia do que ele pretendia dizer, e consegui salvar-me recorrendo ao privilégio da audição deficiente. Ele estava abalado demais no geral para insistir, mas meu imediato, testemunha próxima daquela despedida, pareceu intrigado, e seu rosto assumiu um ar pensativo. Como eu não queria parecer empenhado em evitar a comunicação com meus oficiais, ele teve a oportunidade de me abordar.

“Parece um bom homem. Os marujos do bote contaram aos nossos homens uma história extraordinária, se o taifeiro não tiver mentido para mim. Imagino que tenha ouvido do capitão, não é, senhor?”

“Sim, ele me contou uma história.”

“Um caso horrendo – o senhor concorda?”

“De fato.”

“Pior que as histórias de assassinatos nos navios americanos.”

“Não acho pior. E nem acho que lembra alguma delas.”

“Pela minha alma – não me diga! Mas é claro que não tenho conhecimento direto dos navios americanos, por isso não posso contestar o que o senhor sabe. Já acho a história horrenda assim mesmo… Mas a parte mais estranha é que eles pareciam imaginar que o homem podia estar escondido aqui a bordo. Imaginavam mesmo. O senhor já tinha ouvido uma coisa dessas?”

“Um disparate – não é?”

Caminhávamos pelo convés principal de um lado ao outro. Não se via ninguém da tripulação comum (era domingo), e o imediato prosseguiu:

“Houve uma pequena discussão. Nossos homens ficaram ofendidos, e disseram: ‘Como se a gente fosse acobertar uma coisa dessas’. ‘Não querem procurar por ele no paiol de carvão?’ Uma desavença considerável. Mas acabaram fazendo as pazes. Imagino que o homem se afogou. Não concorda, capitão?”

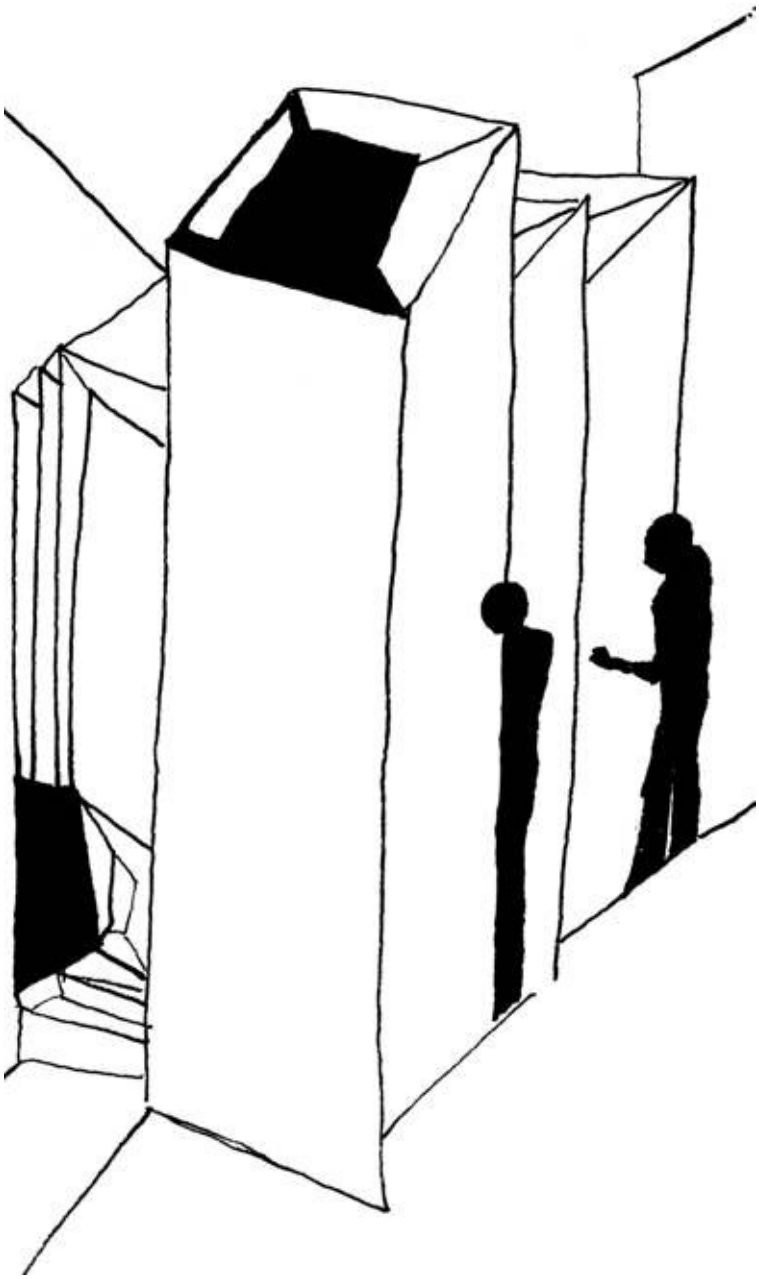
“Não imagino nada.”

“O senhor não tem dúvidas sobre essa história?”

“Nenhuma.”

Afastei-me bruscamente. Senti que produzia má impressão, mas com meu duplo na cabine ficar no convés era muito penoso. E quase igualmente penoso ficar lá embaixo. Uma provação para os nervos no fim das contas. No geral, porém, eu me sentia menos partido ao meio quando estava com ele. Não havia ninguém em todo o navio em quem eu ousasse confiar. Como os homens tinham

escutado a sua história, teria sido impossível fazê-lo passar por alguma outra pessoa, e uma descoberta acidental causava agora mais temor do que nunca…



Com o taifeiro ocupado em pôr a mesa do jantar, só pudemos conversar com os olhos quando desci. Mais tarde, ao anoitecer, arriscamos uma troca cautelosa de sussurros. O sossego dominical do navio estava contra nós; a calmaria do ar e da água à nossa volta estavam contra nós; os elementos, os homens estavam contra nós – tudo estava contra nós em nossa parceria secreta; até o tempo – pois

aquilo não poderia continuar para sempre. A própria fé na Providência era, imagino, denegada à sua culpa. Devo confessar que essa ideia me trazia um enorme desânimo? E, quanto ao capítulo dos acidentes que pesa tanto no livro dos fatos, eu só podia esperar que tivesse chegado ao final. Pois qual acidente favorável se podia esperar?

"Você ouviu tudo?", foram minhas primeiras palavras, assim que assumimos nossa posição lado a lado, encostados junto ao nicho da minha cama.

Sim, ele tinha ouvido. E a prova foi seu sussurro indignado: "O homem admitiu que mal teve a coragem de dar a ordem".

Entendi que se referia à salvadora vela do traquete.

"Foi. Tinha medo de que se perdesse ao ser içada."

"Pois garanto que ele nunca deu a ordem. Pode achar que deu, mas não disse nada. Ficou ali parado comigo na ponta do tombadilho depois que a mezena principal rasgou, choramingando que era a nossa última esperança – choramingando, sim, e mais nada – e a noite caindo! Ouvir isso do capitão do seu navio num tempo como aquele bastava para qualquer homem perder a cabeça. E produziu em mim uma espécie de desespero. Resolvi me encarregar eu mesmo de tudo e me afastei dele, muito agitado, e… Mas nem preciso lhe contar. *Você* sabe!… E acha que se eu não tivesse usado de selvageria conseguiria que os homens fizessem alguma coisa? Eu sei que não! O contramestre, talvez? Talvez! O mar não estava violento – tinha enlouquecido! É mais ou menos assim que imagino o fim do mundo; e um homem até pode, uma vez, ter a coragem de encarar a calamidade e ir até o fim – mas ser obrigado a enfrentá-la dia após dia – não posso acusar ninguém. Só respondi um pouquinho melhor que o resto. Mas – eu era um dos oficiais daquela carroça de carvão, afinal…"

"Entendo perfeitamente", garanti-lhe com sinceridade ao ouvido. Ele estava sem fôlego de tantos sussurros; podia ouvi-lo ofegar de leve. Era tudo muito simples. A mesma força nervosa que dera a vinte e quatro homens uma chance, pelo menos, de sobrevivência havia, numa espécie de ricochete, esmagado uma existência desprezível e insubordinada.

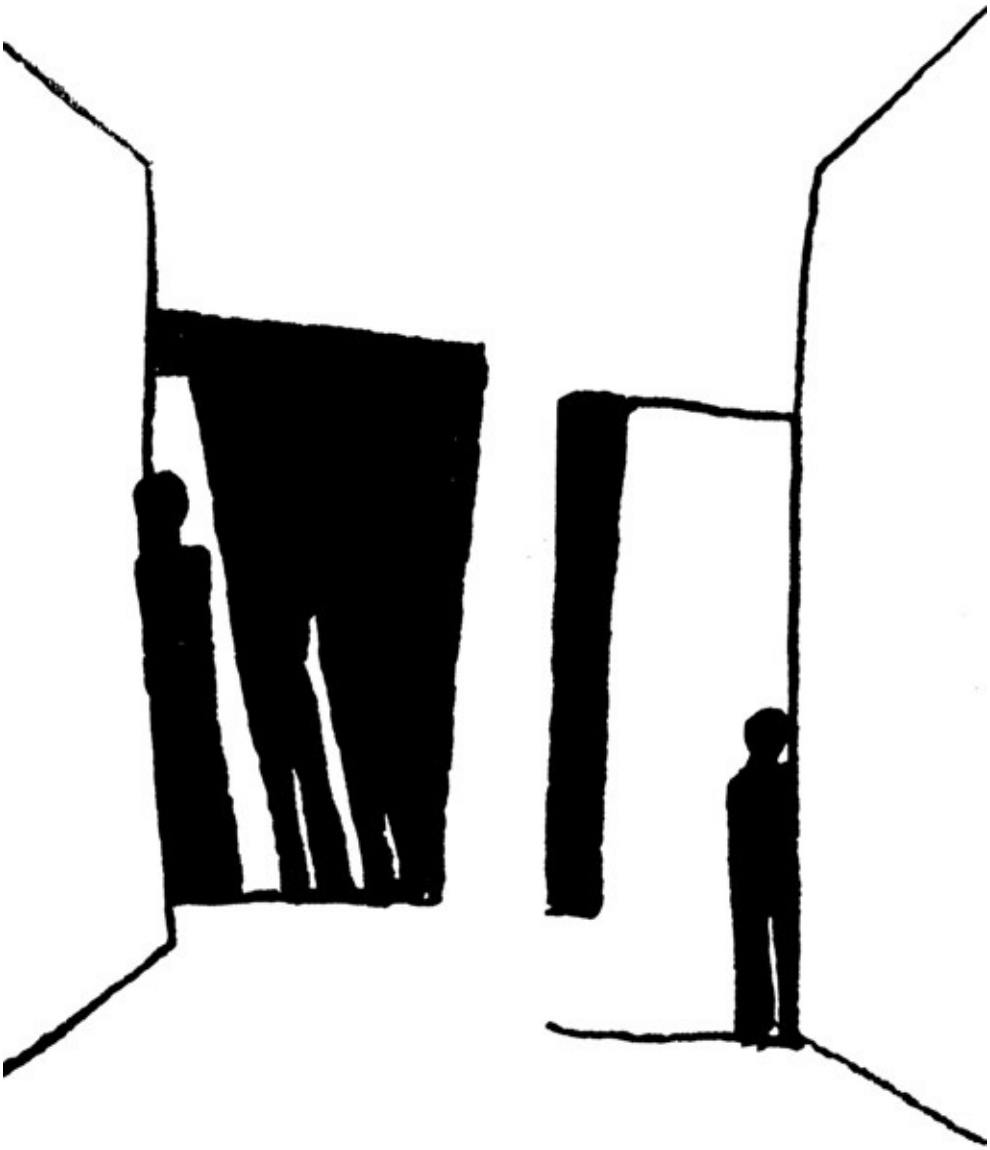
Mas não tive tempo para ponderar os méritos da questão – passos na sala de bordo, uma batida forte à porta. "Vento suficiente para zarpar, capitão." Era uma nova questão a reclamar a minha mente e até meus sentimentos.

"Todos os homens para o convés", gritei através da porta. "Eu subo em seguida."

Finalmente ia conhecer o meu navio. Antes de sair da cabine, nossos olhos se encontraram – os olhos dos dois únicos intrusos a bordo. Apontei para o recesso do camarote, onde minha banqueta desmontável esperava por ele, e levei

o dedo aos lábios. Ele fez um gesto – um tanto vago – um pouco misterioso, acompanhado de um leve sorriso, como que de pena.

Aqui não é o lugar para me estender sobre as impressões do homem que sente pela primeira vez o navio onde se encontra mover-se em obediência exclusiva às suas palavras. No meu caso, essas sensações não vinham sem mistura. Eu não estava totalmente só no meu comando, pois havia aquele estranho na minha cabine. Ou melhor, eu não estava em comunhão completa e integral com o navio. Parte minha estava ausente. Aquela impressão mental de estar em dois lugares ao mesmo tempo chegava a me afetar fisicamente, como se a atmosfera de segredo impregnasse até a minha alma. Antes que transcorresse uma hora desde que o navio havia zarpado, quando pedi ao imediato (ele estava de pé ao meu lado) que conferisse a posição do pagode de acordo com a bússola, comecei a me aproximar do seu ouvido para falar-lhe aos sussurros. Eu me contive a tempo, mas o que me escapou bastou para deixar o homem assustado. Não sei descrever de outra maneira: ele se encolheu. Um ar grave e preocupado, como se estivesse de posse de alguma desconcertante informação secreta, não mais o deixou a partir de então. Um pouco mais tarde, afastei-me da amurada para uma consulta à bússola com um andar tão furtivo que chamou a atenção do timoneiro – e não pude deixar de notar seus olhos arregalados. São ocorrências triviais, embora nunca pese em favor de um comandante tornar-se suspeito de excentricidades ridículas. Mas fui afetado também de maneira mais grave. Aos homens do mar, há certas palavras, certos gestos, que em dadas condições precisam ocorrer de maneira tão natural e instintiva quanto o piscar de um olho ameaçado. Uma certa ordem deve jorrar dos seus lábios sem que precise pensar; um certo sinal precisa ser feito, por assim dizer, sem reflexão. Mas toda a prontidão inconsciente me tinha abandonado. Só à custa de um esforço da vontade eu conseguia convocar-me de volta (da cabine) para as condições do momento. Sentia que dava a impressão de um comandante indeciso a todos que me observavam com um ar mais ou menos crítico.



E, além disso, houve os sustos. No segundo dia de viagem, por exemplo, descendo do convés à tarde (calçando chinelos de palha nos pés descalços), parei na porta aberta da despensa para falar com o taifeiro. Ele estava ocupado com alguma coisa de costas para mim. Ao som da minha voz, quase pulou para fora do corpo, como se diz, e incidentalmente quebrou uma xícara.

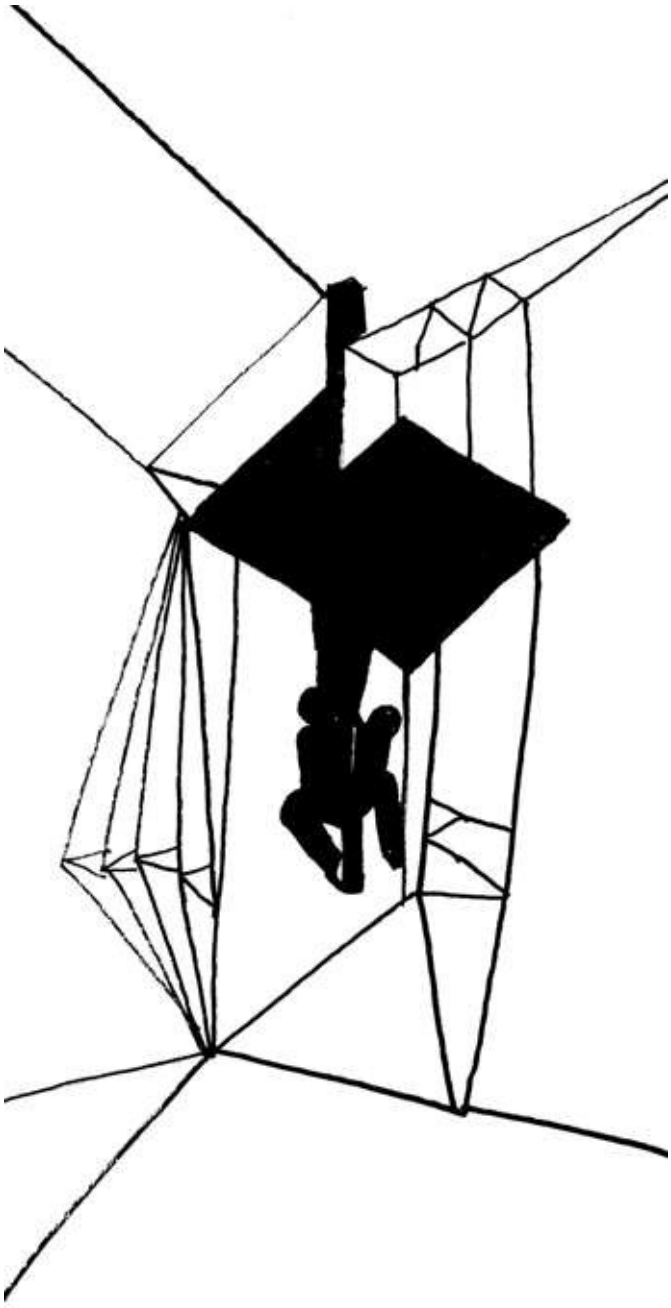
"O que está havendo com você?", perguntei admirado.

Ele ficou extremamente confuso. "Desculpe, capitão. Mas eu tinha certeza que o senhor estava na sua cabine."

"Está vendo que não."

“Não, senhor. Mas teria jurado que ouvi um movimento seu lá dentro um momento atrás. É muito estranho… desculpe, capitão.”

Segui em frente com um estremecimento interior. Estava tão identificado com meu duplo secreto que nem mencionei o acontecido naqueles sussurros escassos e cautelosos que trocávamos. Imagino que ele tenha feito um leve barulho de algum tipo. Mas ainda assim, apesar da aparência abatida, sempre se mostrava perfeitamente controlado, mais que calmo – quase invulnerável. Por sugestão minha, passava quase o tempo todo no banheiro, que, no geral, era o lugar mais seguro. De fato, não havia sombra de desculpa para alguém entrar ali, depois que o taifeiro acabava a arrumação. Era um lugar minúsculo. Às vezes ele se deitava no chão, com as pernas dobradas e a cabeça apoiada num dos cotovelos. Noutras o encontrava sentado na banqueta portátil, com o pijama cinzento e os curtos cabelos escuros, parecendo um condenado paciente e impassível. À noite eu o contrabandeava para o nicho da cama, e trocávamos sussurros ouvindo os passos regulares do oficial de vigia que passava e repassava acima da nossa cabeça. Foi um tempo de aflições infinitas. Foi sorte haver algumas latas de boas conservas guardadas num armário do meu camarote; pão seco sempre havia a meu alcance; e assim ele viveu à base de guisado de frango, *pâté de foie gras*, aspargos, ostras cozidas, sardinhas – todo tipo de abomináveis falsas iguarias em lata. Meu café matinal era sempre ele que tomava; e era tudo o que me atrevia a fazer por ele nesse sentido.



Todo dia, realizávamos as terríveis manobras para que o camarote e o banheiro pudessem ser arrumados da maneira de costume. Comecei a detestar a visão do taifeiro, a execrar a voz daquele homem inofensivo. Sentia que era ele quem provocaria a calamidade da descoberta. Aquilo pendia como uma espada sobre nossas cabeças.

No quarto dia de viagem, acho eu (descíamos pelo lado oriental do golfo do Sião, bordada a bordada, com ventos fracos e águas lisas) – no quarto dia, dizia eu, dessas aflitivas acrobacias com o inevitável, sentados à mesa do jantar, esse

homem, cujo menor dos movimentos eu tanto temia, depois de guardar os pratos retornou pressuroso para o convés. Não podia haver nenhum risco. Mas em seguida voltou; e então pareceu lembrar-se de um casaco que eu tinha pendurado na amurada para secar da chuva que passara à tarde pelo navio. Imóvel à cabeceira da mesa, fiquei apavorado ao ver meu casaco em seu braço. E é claro que ele seguiu para a minha porta. Não havia tempo a perder.

"Taifeiro", bradei. Meus nervos estavam em tal estado que não consegui controlar minha voz e mascarar minha agitação. E era o tipo de coisa que fazia meu imediato, com suas suíças espantosas, bater seguidamente na testa com a ponta do indicador. Tinha detectado o gesto numa conversa dele, no convés, com o carpinteiro de bordo. Era longe demais para eu ouvir o que diziam, mas não tive dúvida de que aquela pantomima só podia se referir às esquisitices do novo capitão.

"Sim, senhor." O taifeiro de rosto pálido virou-se resignado para mim. Era essa correria enlouquecedora em que se via tratado aos gritos, interrompido sem quê nem porquê, expulso arbitrariamente da minha cabine, convocado de volta em seguida, obrigado a sair pelo navio em missões incompreensíveis, que explicava sua expressão cada vez mais desolada.

"Aonde você vai com este casaco?"

"Para a sua cabine, capitão."

"Está vindo mais chuva?"

"Não sei, capitão. Quer que eu volte ao convés para ver?"

"Não! Tanto faz."

Meu objetivo tinha sido alcançado, pois é claro que meu outro eu teria ouvido tudo que dissemos. Durante esse interlúdio, os dois oficiais nem levantaram os olhos dos respectivos pratos; mas o lábio do maldito novato, meu segundo-oficial, trepidava visivelmente.

Eu esperava que o taifeiro pendurasse meu casaco e saísse logo. Ele demorou muito; mas consegui dominar meu nervosismo e não convocá-lo aos gritos. Em seguida, percebi (foi possível ouvir com toda a clareza) que por algum motivo o sujeito estava abrindo a porta do banheiro. Era o fim. Literalmente, o lugar mal dava espaço para alguém se coçar. Minha voz morreu na garganta e fiquei gelado. Esperava ouvir um berro de surpresa e terror e fiz menção de me levantar, mas as forças me faltaram. Tudo continuava em silêncio. Teria o meu segundo eu agarrado o pobre infeliz pelo pescoço? Não sei o que eu teria feito no momento seguinte se não tivesse visto o taifeiro sair da minha cabine, fechar a porta e depois se postar em silêncio ao lado do aparador.

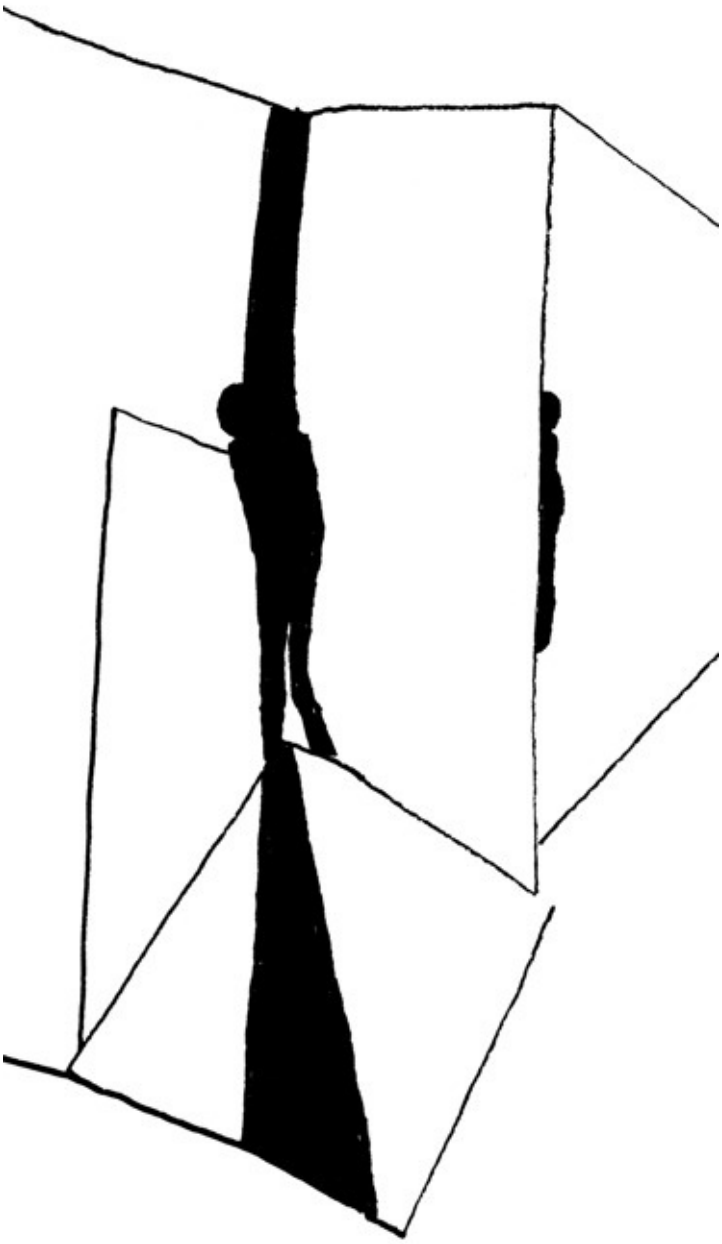
"Salvo", pensei. "Mas não! Perdido! Ele se foi! Foi embora!"

Pousei a faca e o garfo e me recostei na cadeira. Minha cabeça girava.

Depois de algum tempo, quando me recobrei a ponto de falar com uma voz firme, instruí meu imediato a comandar ele próprio a mudança de rumo do navio às oito da noite.

“Não vou subir ao convés”, continuei. “Acho que vou me recolher, e a menos que o vento mude não quero ser incomodado antes da meia-noite. Estou um pouco prostrado.”

“O senhor estava com um ar um tanto indisposto há pouco”, observou o imediato sem demonstrar grande preocupação.



Os dois oficiais saíram, e fiquei vendo o taifeiro tirar a mesa. Não havia nada a ler no rosto do infeliz. Mas por que estaria evitando os meus olhos? Então achei melhor ouvir o tom da sua voz.

“Taifeiro!”

“Sim, senhor!” Assustado como sempre.

“Onde você pendurou o casaco?”

“No banheiro, capitão.” O tom ansioso de sempre. “Ainda não está bem seco, capitão.”

Passei mais algum tempo sentado no refeitório. Teria meu duplo desaparecido da mesma forma como havia chegado? Mas para sua chegada havia uma explicação, enquanto o desaparecimento seria inexplicável… Caminhei devagar até a minha cabine, fechei a porta no escuro, acendi o lampião e, por algum tempo, não me atrevi a olhar para trás. Quando finalmente olhei, vi meu duplo de pé, muito ereto, no recesso estreito. Não seria verdade dizer que tive um choque, mas uma dúvida inevitável quanto à sua existência corpórea me passou pela cabeça. Podia ser, perguntei-me, que ele fosse invisível a olhos que não os meus? Era como ser visitado por uma assombração. Imóvel, com o rosto sério, ele ergueu um pouco as mãos num gesto que significava claramente “Céus! Foi por pouco!”. Por pouco mesmo. Acredito que, no meu silêncio, eu tinha chegado ao limiar mais próximo da insanidade que um homem pode atingir sem ultrapassar a fronteira. E aquele gesto me conteve, por assim dizer.

O imediato com as suíças impressionantes comandava a mudança de bordo do navio. No momento de silêncio profundo depois que os tripulantes chegam às suas posições, ouvi sua voz elevar-se do tombadilho: “Tudo a sota-vento!”, e o grito distante da ordem repetida no convés principal. As velas, naquele vento fraco, só adejaram com um frêmito ligeiro, que logo parou. O navio virou de bordo devagar: prendi o fôlego na calmaria renovada da expectativa; a impressão era de que não havia vivalma no convés. Um grito seco e súbito, “Içar a vela principal!”, quebrou o encanto, e em meio ao vozerio e aos movimentos dos homens correndo com os cabos do mastro principal nós dois, na minha cabine, nos reunimos em nossa posição costumeira, ao lado do nicho da cama.

Ele nem esperou minha pergunta. “Ouvi o taifeiro andando por aqui e só tive o tempo de me agachar na banheira”, sussurrou. “Ele apenas abriu a porta e enfiou o braço no banheiro para pendurar o casaco. Mesmo assim…”

“Nem me passou pela cabeça”, sussurrei de volta, mais assustado do que antes com o quanto tinha sido por pouco, e deslumbrado com o quanto havia de firmeza em seu caráter, permitindo-lhe enfrentar tão bem aquilo tudo. Não havia agitação em seus sussurros. Se alguém estava perdendo a calma, não era ele. Ele estava em seu perfeito juízo. E seguiu dando prova de sanidade ao retomar seus

sussurros.

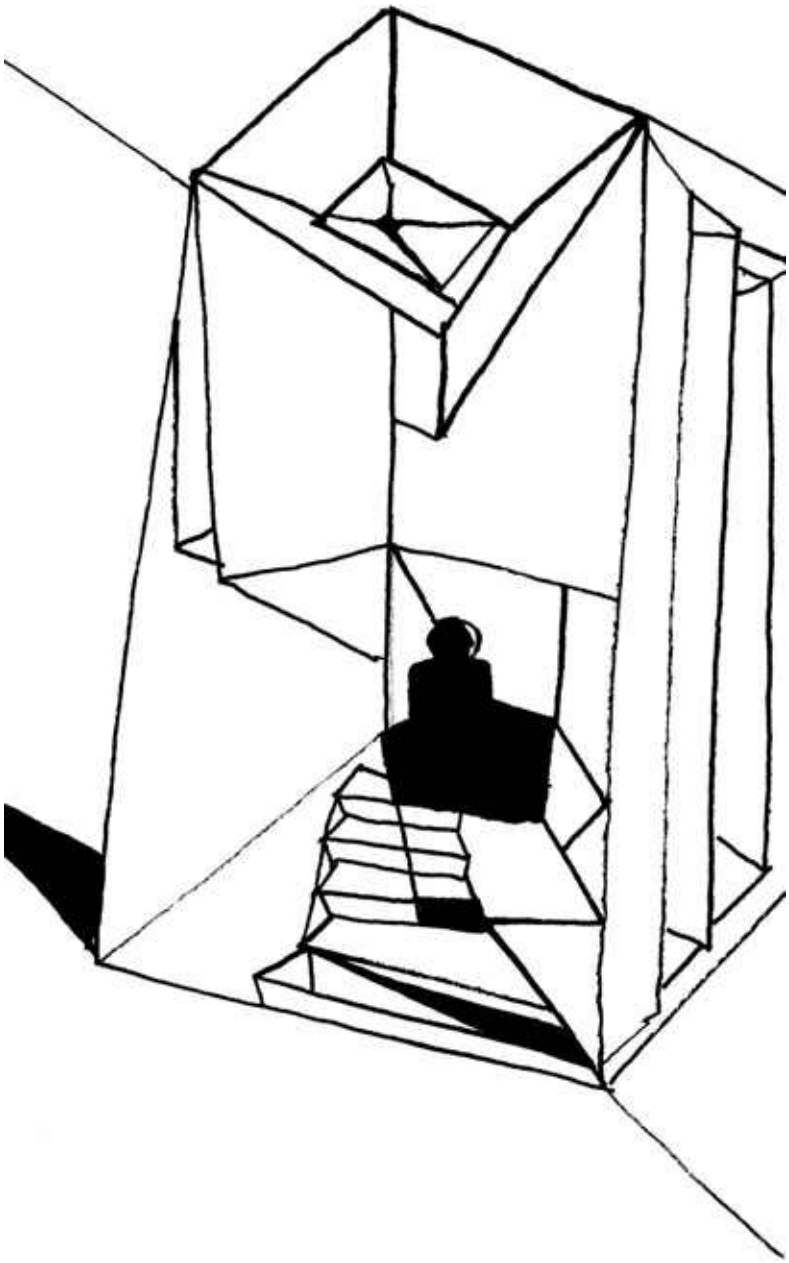
“Não ia ajudar em nada eu voltar à vida agora.”

Palavras que um fantasma podia ter dito. Mas ele se referia à adesão relutante do seu antigo capitão à teoria do seu suicídio. Aquilo convinha obviamente a seus planos – se eu bem entendia a ideia que parecia reger o propósito inalterável de suas ações.

“Você precisa me ajudar a escapar assim que puder passar no meio dessas ilhas ao largo do Camboja”, prosseguiu.

“Escapar para uma ilha? Não estamos num conto de aventura para crianças!”, protestei. E seu sussurro me respondeu em tom de desprezo:

“Claro que não! Isso não tem nada de conto de aventura. Mas é a única saída. Não quero mais nada. Por acaso pensa que tenho medo do que podem fazer comigo? A prisão, a forca ou o que lhes der na telha. Mas você não imagina que vou voltar e explicar essas coisas a um velho de peruca e doze negociantes respeitáveis, não é? Como podem saber se sou ou não culpado – ou ainda do *que* sou culpado? É assunto meu. O que diz a Bíblia? ‘Expulso da face da Terra.’ Pois muito bem, vou sumir da face da Terra. Assim como cheguei à noite também hei de partir.”



“Impossível!”, murmurei. “Não pode.”

“Não posso?… Não nu como uma alma no Dia do Juízo. Vou levar esse pijama. O Último Dia ainda não chegou – e… você entendeu perfeitamente. Não?”

Senti uma vergonha repentina de mim mesmo. E posso dizer sem mentir que entendia – e minha hesitação em deixar aquele homem partir a nado do meu navio tinha sido apenas um sentimento enganoso, uma espécie de covardia.

“Não pode ser antes da noite de amanhã”, sussurrei. “O navio está de bordo

rumo ao mar alto, e o vento pode amainar.”

“Só me interessa saber que você entende”, sussurrou. “Mas é claro que sim. É uma grande satisfação ter alguém que nos entende. Parece que você estava aqui de propósito.” E no mesmo sussurro, como se nós dois, cada vez que conversávamos, tivéssemos de trocar palavras que o mundo não podia ouvir, acrescentou: “É maravilhoso”.

Permanecemos lado a lado, conversando a nosso modo secreto – mas às vezes sem dizer nada ou só trocando uma que outra palavra sussurrada entre longas pausas. E como sempre ele olhava pela vigia. Um sopro de vento chegava a intervalos aos nossos rostos. O navio parecia atracado num cais, tão suave e estável deslizava pela água que nem sequer murmurava à nossa passagem, escura e silenciosa como um mar fantasma.

À meia-noite subi para o convés, e para grande surpresa do meu imediato virei o navio de bordo. Suas suíças terríveis adejavam à minha volta, prenhes de críticas mudas. Eu não devia ter feito aquilo, se fosse só questão de deixar aquele golfo sonolento o mais depressa possível. Acho que ele disse ao segundo-oficial, na troca do quarto de vigia, que era um grande erro de julgamento. O outro se limitou a bocejar. Aquele novato intolerável arrastava os pés com um ar tão indolente, apoiando-se na amurada com tamanho desmazelo e impropriedade, que dirigi-me a ele em tom severo:

“Ainda não acordou direito?”

“Sim, senhor! Estou acordado!”

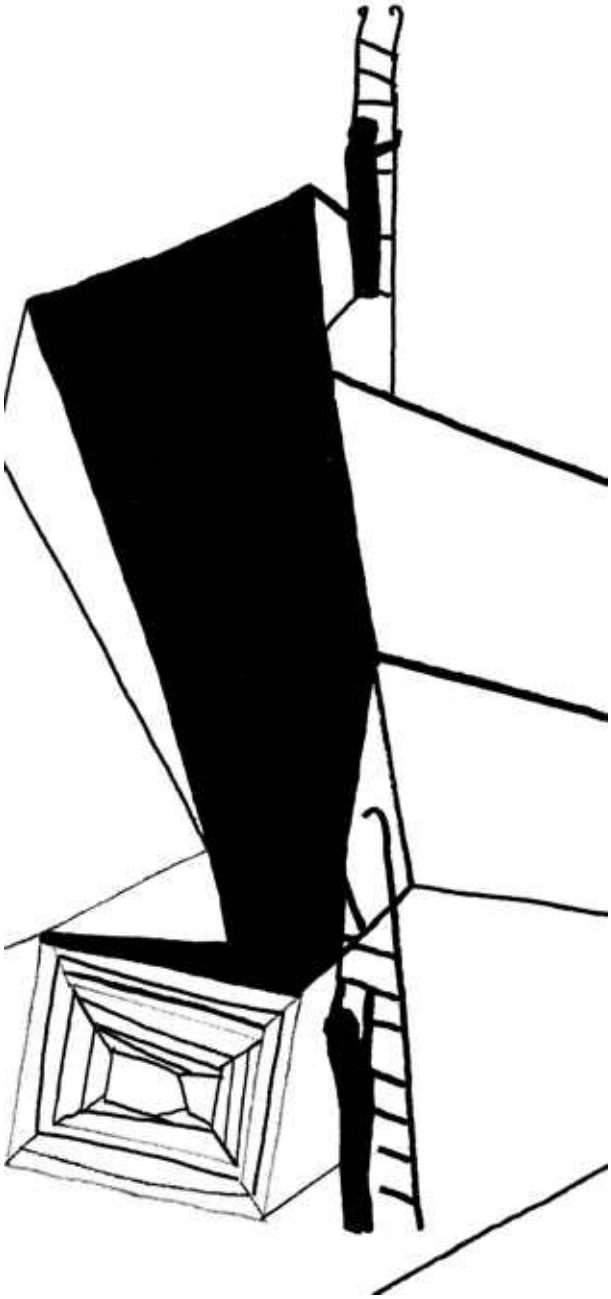
“Bom, então tenha a compostura de alguém que já despertou. E fique de olho. Dependendo da correnteza, vamos passar perto de algumas ilhas antes de amanhecer.”

O lado oriental do golfo ostenta uma franja de ilhas, algumas isoladas, outras em grupos. Contra o fundo azul da costa, elas parecem flutuar sobre retalhos prateados de água calma, áridas e cinzentas, ou verde-escuras e arredondadas como arvoredos de plantas perenes, as maiores dentre elas, com uma ou duas milhas de comprimento, exibindo os contornos de elevações, o arcabouço de pedra cinza sob o manto escuro da folhagem emaranhada. Ignoradas pelo comércio, pelas rotas de viagem e quase pela geografia, o modo de vida que abrigam é um segredo inexplicado. Deve haver aldeias – ao menos vilas de pescadores – nas maiores delas, e alguma comunicação com o mundo há de ser mantida por embarcações nativas. Mas ao longo de toda a manhã, enquanto seguíamos rumo às ilhas soprados pela brisa mais suave, não vi sinal de homem ou canoa no campo do telescópio que toda hora apontava para o arquipélago disperso.

Ao meio-dia deixei de comandar uma nova mudança de curso e as suíças do

imediato ficaram muito inquietas, fazendo o possível para que eu as percebesse contra a vontade. E finalmente eu disse:

“Quero seguir costeando. Bem de perto – o mais perto que conseguir.”



O olhar de extrema surpresa conferiu um ar de ferocidade também aos seus olhos, e por um momento ele adquiriu uma aparência de fato assustadora.

“Pelo meio do golfo não estamos indo bem”, continuei em tom casual. “E quero ver se aproveito o terral hoje à noite.”

“Pela minha alma! Quer dizer no escuro, capitão, no meio de tantas ilhas, recifes e baixios?”

“Bem – se existir algum terral regular nessa costa, precisamos costear para encontrá-lo, não é mesmo?”

“Pela minha alma!”, tornou a exclamar a meia voz. E passou o resto da tarde com um ar vago e contemplativo que, nele, era um sinal de perplexidade. Depois do jantar, entrei no meu camarote como se fosse descansar. Lá, nós dois debruçamos as cabeças morenas sobre uma carta semidesenrolada na minha cama.

“Ali”, disse eu. “Há de ser Koh Ring. Estou olhando para ela desde que o sol nasceu. Tem dois morros e uma ponta baixa. Deve ser habitada. E na costa do outro lado, ao que parece, fica a embocadura de um rio de bom tamanho – com algumas cidades, sem dúvida, um pouco mais acima. É a melhor chance que vejo para você.”

“Qualquer coisa. Então que seja Koh Ring.”

Olhava pensativo para a carta, como se avaliasse alternativas e distâncias de uma grande altitude – e como se acompanhasse com os olhos sua própria figura vagando pelas terras desabitadas da Cochinchina, depois deixando aquele papel e perdendo-se em regiões nunca mapeadas. E era como se o navio tivesse dois capitães planejando sua rota. Eu passara o dia todo tão preocupado e inquieto, correndo para cima e para baixo, que nem tivera a paciência de me vestir direito. Havia ficado de pijama, com chinelos de palha e um chapéu mole de abas caídas. O calor abafado do golfo era opressivo, e a tripulação já estava acostumada a me ver naqueles trajes mais arejados.

“Seguindo no rumo em que vamos, o navio vai passar junto à ponta sul”, sussurrei no ouvido dele. “Sabe Deus quando, mas sem dúvida depois que anoitecer. Vou tentar passar a meia milha da costa, o quanto puder avaliar no escuro…”

“Tome cuidado”, ele advertiu num sussurro – e nessa hora me dei conta de que todo o meu futuro, o único futuro para o qual era capacitado, talvez se perdesse sem possibilidade de resgate ao menor revés em meu primeiro comando.

Eu não podia ficar no camarote nem mais um instante. Indiquei-lhe com gestos que ficasse fora das vistas e subi para o tombadilho. Era o novato sem graça quem estava de vigia. Passei algum tempo andando para cima e para baixo, enquanto tomava as minhas decisões, e depois o chamei com um gesto.

“Mande dois homens abrirem os dois resbordos do tombadilho”, ordenei, em tom suave.

Ele teve a ousadia de repetir o que eu disse, ou talvez tenha perdido a noção

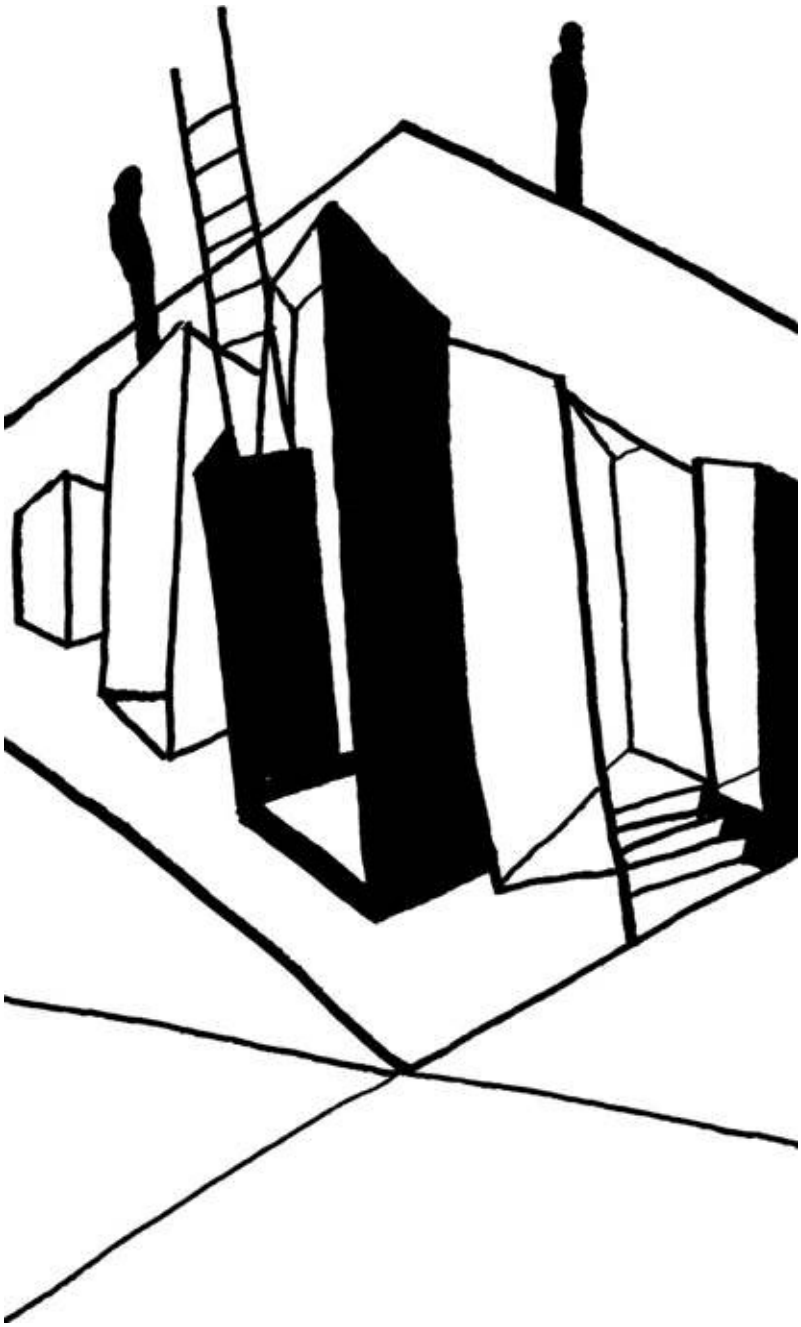
de compostura devido ao espanto pela ordem incompreensível:

“Abrir os resbordos do tombadilho? Para quê, capitão?”

“O senhor só precisa se preocupar com uma razão: porque estou mandando. Mande abrir os dois e mantê-los bem amarrados.”

Ele corou e se afastou, mas acredito que fez alguma piada com o carpinteiro quanto à sensatez da prática de ventilar bem o tombadilho de um navio. Sei que foi visitar a cabine do imediato para lhe contar a novidade, porque as suíças logo emergiram no convés, como que por acaso, lançando-me olhares de lá – à procura de sinais de loucura ou embriaguez, imagino.

Pouco antes da ceia, mais inquieto do que nunca, fui passar mais um momento com meu segundo eu. E encontrá-lo sentado tão quieto foi inesperado, como uma coisa contrária à natureza, desumana.



Desenvolvi meu plano em sussurros apressados.

“Vou costear o mais de perto que tiver coragem, depois mudo o navio de bordo. Agora vamos encontrar algum meio de contrabandear você para o paiol das velas, que se comunica com o corredor. Mas existe uma abertura, um quadrado para puxar as velas, que dá direto no tombadilho e nunca fica fechada quando o tempo está bom, para manter as velas arejadas. Quando o navio parar de avançar no meio da manobra, de frente para o vento, com todos os homens na proa manejando os cabos do mastro principal, você vai ter caminho livre para

escapar e descer ao mar pelos resbordos do tombadilho. Mandei que os dois fossem abertos e amarrados. Use a ponta de uma corda para descer até a água e não fazer barulho ao mergulhar – entendeu? Se alguém ouvir, pode causar um problema brutal."

Ele ficou calado por algum tempo, então sussurrou: "Entendi".

"Não vou estar lá para assistir à sua partida", comecei com um esforço. "O resto… só espero que eu também tenha entendido."

"Claro que entendeu. Do começo ao fim…" E pela primeira vez havia um certo tremor, um sinal de tensão em seus sussurros. Ele segurou meu braço, mas a sineta da ceia me sobressaltou. A ele não; apenas soltou meu braço.

Após a ceia, só tornei a descer bem depois das oito. O vento fraco mas constante vinha carregado de orvalho; e as velas molhadas e escurecidas colhiam todo seu poder de propulsão. A noite, límpida e estrelada, fulgurava escura, e as manchas opacas e sem luz que se deslocavam lentas contra as estrelas baixas eram ilhotas errantes. A bombordo da proa via-se uma ilha maior e mais distante, uma sombra imponente pela vasta área de céu que eclipsava.

Ao abrir a porta, dei comigo mesmo pelas costas, examinando uma carta. Ele tinha deixado o recesso e estava de pé ao lado da mesa.

"Já ficou bem escuro", sussurrei.

Ele deu um passo para trás e se apoiou na minha cama com o olhar tranquilo e composto. Sentei-me no divã. Não tínhamos nada a nos dizer. Acima da nossa cabeça o oficial de vigia andava de um lado para outro. Então ouvi seus passos se acelerarem. Eu sabia o que aquilo significava. Ele chegou à gaiuta; e logo ouvi sua voz fora da minha porta.

"Estamos avançando bem depressa, comandante. A terra parece bem perto."

"Muito bem", respondi. "Já vou para o convés."

Esperei até que ele deixasse o refeitório, então me levantei. Meu duplo também entrou em movimento. Tinha chegado a hora de trocarmos nossos últimos sussurros, pois nenhum de nós dois jamais chegaria a ouvir a voz natural do outro.

"Aqui!" Abri uma gaveta e tirei três soberanos. "Leve isto. Tenho seis e até lhe daria todos, mas preciso guardar algum dinheiro para comprar frutas e legumes para a tripulação dos barcos de nativos que sempre aparecem quando passamos pelo estreito de Sonda."

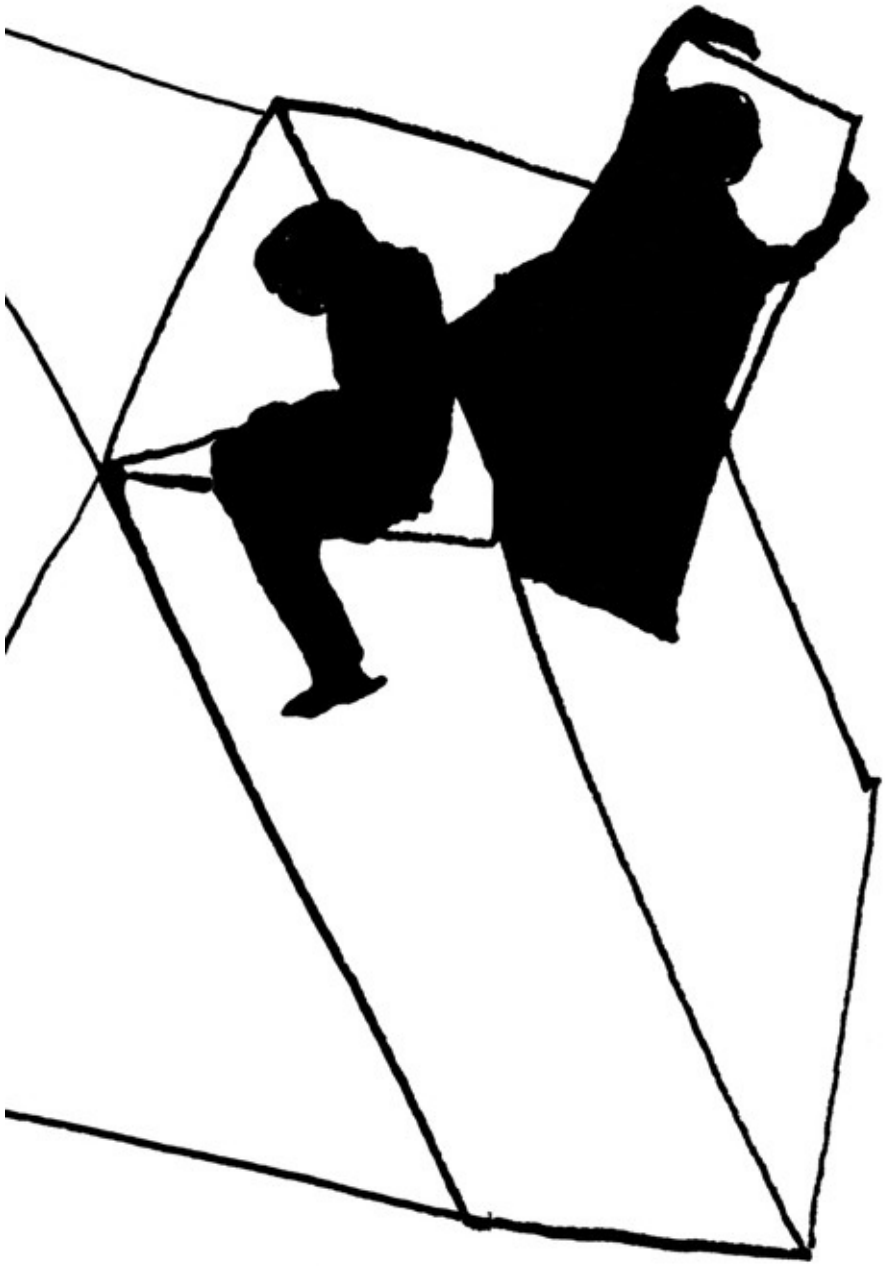
Ele abanou a cabeça.

"Aceite", insisti, num sussurro desesperado. "Ninguém sabe o que…"

Ele sorriu e deu umas palmadinhas significativas no único bolso do paletó do pijama. Não era seguro, claro. Mas achei um lenço de seda grande que eu tinha, e, amarrando as três moedas de ouro num dos cantos, insisti para que aceitasse.

E ele ficou tocado, imagino, porque finalmente pegou o lenço e o amarrou depressa na cintura debaixo do pijama, junto à pele nua.

Nossos olhos se encontraram; vários segundos se passaram até que, os olhares ainda enlaçados, estendi o braço e apaguei o lampião. Em seguida, atravessei o refeitório deixando toda aberta a porta da minha cabine… "Taifeiro!"



Ele continuava na despensa nos excessos do seu zelo, polindo a base

folheada do galheteiro antes de ir dormir. Com o cuidado de não acordar o imediato, cuja cabine ficava em frente, eu falava em voz baixa.

Ele se virou, ansioso. “Pois não?”

“Pode me trazer um pouco de água quente da cozinha?”

“Infelizmente, capitão, já apagaram o fogo da cozinha algum tempo atrás.”

“Vá verificar.”

O taifeiro voou escada acima.

“Agora”, sussurrei, alto, na direção da sala de bordo – alto demais, talvez, mas tive medo de não ser capaz de emitir som algum. Ele estava a meu lado num segundo – o duplo capitão passou pelas escadas – por uma passagem estreita… uma porta de correr. Estávamos no paiol das velas, arrastando-nos de joelhos por cima dos panos. E de repente me ocorreu. Imaginei-me vagando descalço e de cabeça descoberta, com o sol castigando minha cabeleira escura. Tirei o chapéu mole e, no escuro, tentei enfiá-lo às pressas na cabeça do meu outro eu. Ele se abaixou e me rechaçou sem dizer nada. E me pergunto o que terá achado que deu em mim, mas depois entendeu e parou de resistir. Nossas mãos se encontraram pelo tato, e ficaram unidas por um segundo num aperto firme e imóvel… Nenhum dos dois exalou uma palavra quando elas se desprenderam.

Eu estava parado em silêncio junto à porta da despensa quando o taifeiro retornou.

“Desculpe, capitão. A chaleira está só morna. Quer que eu acenda o fogareiro?”

“Não se incomode.”

Subi devagar para o convés. Agora, era uma questão de consciência passar o mais perto possível de terra – pois ele precisava deixar o navio assim que este começasse a virar de bordo e parasse de avançar. Precisava! Para ele não havia volta. Depois de um tempo fui até a borda a sota-vento e o coração me subiu à garganta quando vi como a proa estava próxima de terra. Em qualquer outra situação eu não manteria aquele rumo nem mais um minuto. O segundo-oficial vinha atrás de mim, ansioso.

Continuei olhando em frente até sentir que seria capaz de controlar a voz.

“Ele passa”, declarei então, em tom sereno.

“O senhor vai mesmo tentar, capitão?”, ele gaguejou, incrédulo.

Não lhe dei atenção, e levantei a voz apenas o suficiente para ser ouvido pelo timoneiro.

“Continue a todo pano.”

“A todo pano, capitão.”

O vento soprava em meu rosto, as velas seguiam enfunadas, o mundo estava em silêncio. A tensão de ficar vendo o vulto escuro de terra ganhar tamanho e

densidade era demais para mim. Tinha fechado os olhos – porque o navio precisava costear ainda mais. Precisava! O silêncio era intolerável. Estaríamos parados?

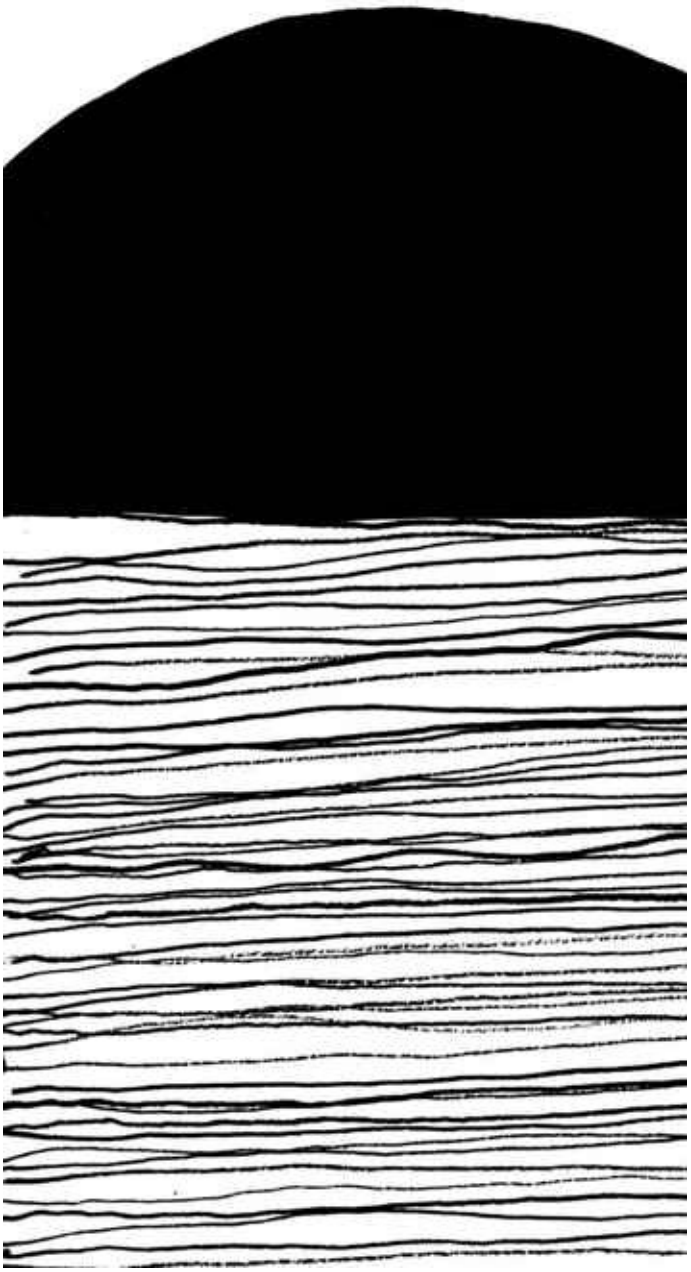
Quando abri os olhos, a segunda visão alarmou meu coração com um baque. A elevação negra da ponta sul de Koh Ring parecia pender bem acima do navio como o trecho culminante de uma escuridão sem fim. Naquela imensa massa de negrume, não se via o menor lampejo, não se ouvia som algum. Ela deslizava irresistível em nossa direção, e parecia já ao alcance dos nossos braços. Distingui as silhuetas vagas dos tripulantes de serviço agrupados no convés a meia-nau, num silêncio pasmo.

“Vai continuar, capitão?”, perguntou uma voz trêmula atrás de mim.

Ignorei a pergunta. Tinha de seguir em frente.

“Continue a todo pano. Sem diminuir o avanço. Não por enquanto”, adverti.

“Não estou vendo bem as velas”, respondeu o timoneiro, num tom trêmulo e estranho.



Já estaria perto o bastante? A essa altura, o navio avançava não direi à sombra de terra, mas atravessando seu próprio negrume, já tragado, por assim dizer, próximo demais para se salvar, totalmente além do meu controle.

“Chame o imediato”, disse ao novato parado atrás de mim, imóvel como a morte. “E todos os homens ao convés.”

Minhas palavras tinham um volume adicional que reverberava nas alturas da costa. Várias vozes responderam juntas: “Já estamos todos no convés, capitão”.

Então de novo o silêncio, com a sombra imensa deslizando cada vez mais

perto, assomando mais alta, sem uma luz, sem um som. Uma tal quietude tomou conta do navio que parecia uma barca dos mortos cruzando lenta os próprios portões do Érebo.

“Meu Deus! Onde estamos?”

Era o imediato, gemendo logo atrás de mim. Estava fulminado, e era como se lhe faltasse o apoio moral de suas suíças. Bateu uma vez as palmas das mãos e gritou, sem mais: “Perdidos!”.

“Cale a boca”, respondi com rigor.

Ele baixou de tom, mas vi o gesto de desespero que esboçou. “O que estamos fazendo aqui?”

“Procurando o terral.”

Ele fez o gesto de arrancar os cabelos, e se dirigiu a mim sem medo das consequências.

“Não vamos conseguir abrir o rumo. Por sua culpa, capitão. Eu sabia que ia acabar numa situação assim. Nunca vamos passar, e agora o senhor chegou perto demais para virar de bordo. O navio vai ser empurrado para a costa antes de conseguir se desviar. Ah, meu Deus!”

Agarrei seu braço, que ele erguia para esmurrar sua pobre cabeça condenada, e dei-lhe um puxão violento.

“O navio já está encalhado”, choramingou, tentando se soltar.

“Está mesmo?… Continuar a todo pano!”

“A todo pano, capitão”, respondeu o timoneiro numa voz assustada, trêmula e infantil.

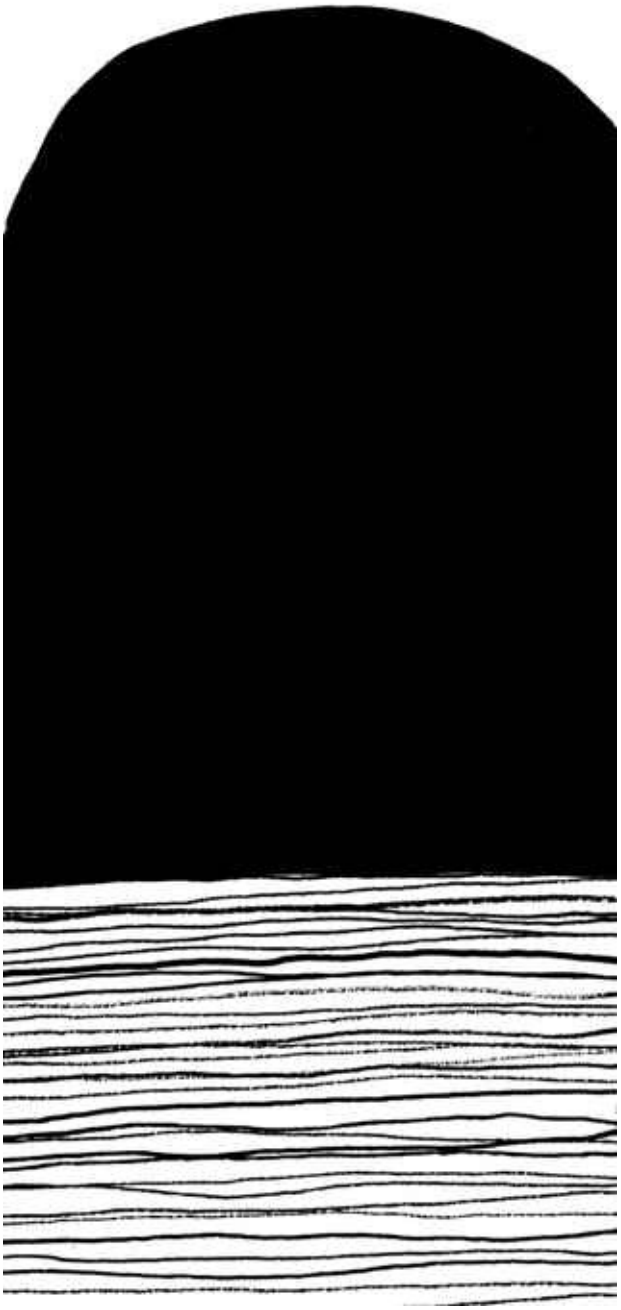
Não larguei o braço do imediato, que continuei a sacudir. “O senhor se controle, ouviu bem? Vá até a proa” – sacudida – “e lá” – sacudida – “sem dar um pio” – sacudida – “cuide de verificar as escotas das velas de proa” – sacudida – sacudida – sacudida.

Em momento algum eu me atrevia a olhar na direção de terra, por medo de que a coragem me faltasse. E finalmente soltei o homem, que correu rumo à proa como que para salvar sua vida.

Perguntei-me o que o meu duplo no paiol das velas terá pensado de tanta comoção. Era capaz de escutar cada palavra – e talvez pudesse entender por que, devido à minha consciência, eu tinha de me aproximar tanto – e não um pouco menos. Minha ordem: “Tudo a sota-vento!”, produziu um eco sinistro nas alturas da sombra de Koh Ring, como se gritada num estreito desfiladeiro. E então comecei a olhar atentamente para a costa. Naquele mar sereno e com vento fraco, era impossível sentir se o navio voltava à bolina. Não! Eu não sentia nada. E meu segundo eu cuidando agora de abandonar o navio e descer para a água. Talvez já tivesse ido embora…?

A enorme massa negra que pairava acima dos topes dos nossos mastros começou a se afastar em silêncio do costado do navio. Então esqueci a partida do intruso secreto, e só me lembrei que também era um intruso total a bordo. Não conhecia aquele navio. Será que passava? Como devia ser manobrado?

Mandei virar a verga grande e fiquei esperando, sem nada poder fazer. Talvez o navio tivesse estacionado, com destino incerto e a massa negra de Koh Ring assomando como os portões da noite eterna logo acima de sua grinalda de popa. O que ele faria agora? Ainda tinha impulso que bastasse? Dei um passo para o lado, e na água sombria só enxerguei um tênue lampejo fosforescente revelando a superfície adormecida, lembrando um vidro liso. Era impossível saber – e eu ainda não tinha aprendido a sentir meu navio. Estaria em movimento? Precisava de alguma coisa fácil de enxergar, um pedaço de papel, que pudesse jogar na água e ficar observando. Mas não trazia nada comigo. Descer à cabine para buscar, eu não ousava. Não havia tempo. Na mesma hora, meus olhos ávidos e fatigados distinguiram um objeto branco que flutuava a uma jarda do costado do navio. Branco na água negra. Um lampejo fosforescente passou por baixo dele. O que era aquela coisa?… Reconheci meu próprio chapéu mole. Deve ter caído da cabeça dele… e ele não se dera ao trabalho. Agora eu tinha o que queria – a referência providencial para os meus olhos. Mas nem sequer pensei no meu outro eu, a essa altura já distante do navio, escondido para sempre de qualquer rosto amigo, um fugitivo e nômade pela terra, sem marca da maldição em sua testa intacta para impedir alguém de feri-lo de morte… orgulhoso demais para se explicar.



E fiquei olhando para o chapéu – expressão de minha piedade súbita por sua carne indefesa. A intenção tinha sido proteger sua cabeça sem abrigo dos rigores do sol. E eis que agora ele salvava o navio – ao servir de marco para compensar minha ignorância de intruso. Ah! Deslizava para a frente, avisando-me bem a tempo que o navio deslocava-se a ré.

“Vire o leme”, ordenei em voz baixa ao marinheiro imóvel como uma estátua.

Os olhos do homem emitiram um brilho selvagem à luz da bitácula quando

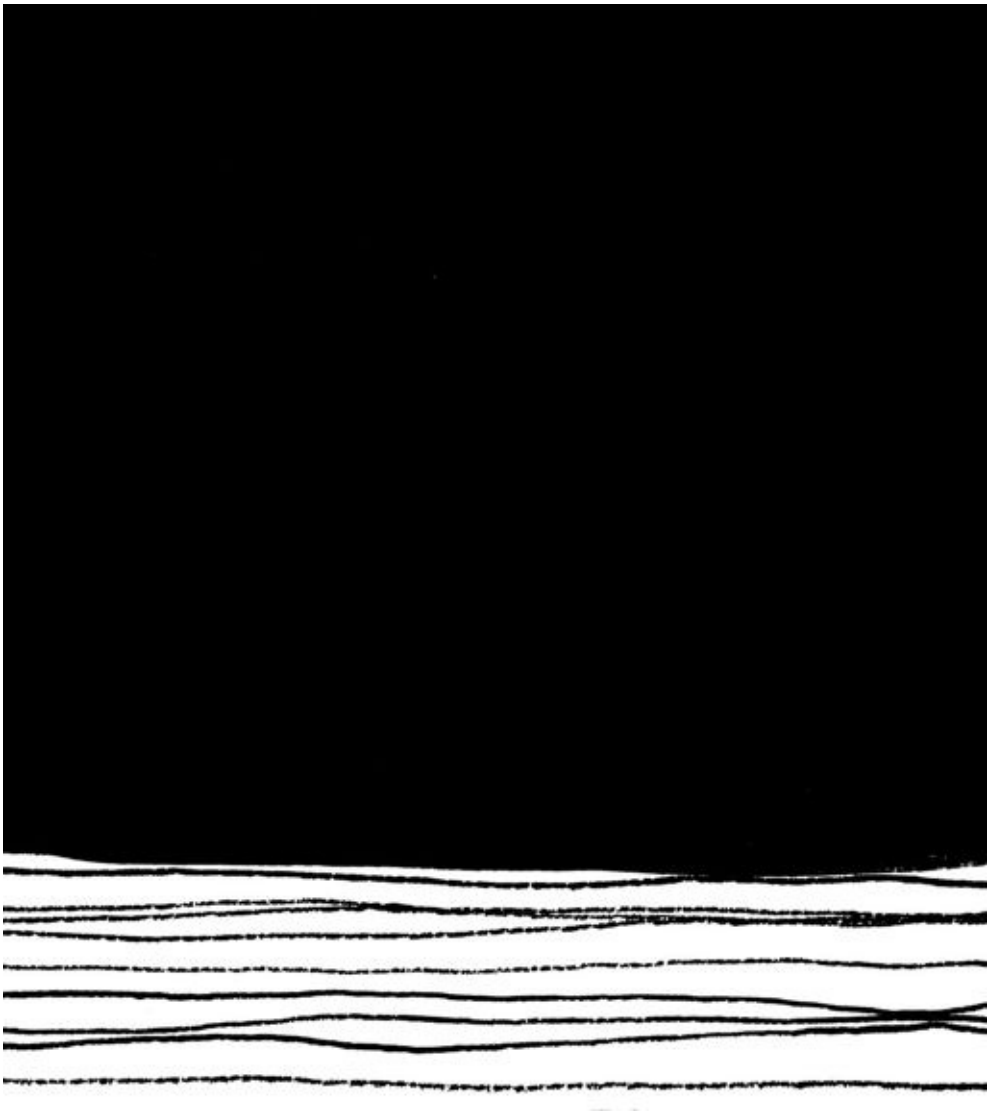
ele pulou para o outro lado e deu uma volta completa à roda do leme.

Fui até a ponta da popa. No convés tomado pelas sombras, todos os homens estavam a postos junto aos braços de vante, esperando a minha ordem. As estrelas à frente pareciam deslocar-se da direita para a esquerda. E o silêncio no mundo era tamanho que ouvi o comentário em voz baixa: “Viramos”, feito num tom de intenso alívio por um marinheiro a seu camarada.

“Folgar as escotas. Ao largo!”

As vergas da proa giraram fazendo muito barulho, em meio a gritos de entusiasmo. E agora as suíças terríveis se faziam ouvir dando várias ordens. O navio já avançava claramente. E eu sozinho com ele. Nada ou ninguém em todo o mundo se interporia agora entre nós dois, lançando uma sombra que fosse em nosso caminho de conhecimento silencioso e afeto sem palavras, a comunhão perfeita entre um homem do mar e seu primeiro comando.

Andando até a grinalda da popa, cheguei bem a tempo de distinguir, no limite extremo da escuridão projetada por um imenso vulto negro que lembrava os portões do Érebo – sim, bem a tempo de entrever um relance evanescente do chapéu branco que eu deixara para trás, assinalando o ponto onde o passageiro secreto com quem eu dividira minha cabine e meus pensamentos, como se fosse um segundo eu, tinha entrado na água para cumprir sua punição: um homem livre, um nadador pujante avançando a braçadas para um novo destino.



Tradução e glossário **SERGIO FLAKSMAN**
Ilustrações **ADRIANNE GALLINARI**

© Cosac Naify, 2015

Coordenação editorial MARTA GARCIA
Assistente editorial RAQUEL TOLEDO
Preparação CARLOS A. INADA
Revisão CACILDA GUERRA e DÉBORA DONADEL
Projeto gráfico ELAINE RAMOS e FLÁVIA CASTANHEIRA
Produção gráfica ALINE VALLI

Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Conrad, Joseph [1857 - 1924]
O passageiro secreto: Joseph Conrad
Título original: *The Secret Sharer*
Tradução e glossário: Sergio Flaksman
Ilustrações: Adrianne Gallinari
São Paulo: Cosac Naify, 2015

ISBN 978-85-405-0867-5

1. Ficção: literatura inglesa I. Título

CDD 823

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção: literatura inglesa 823

COSAC NAIFY
rua General Jardim, 770, 2º andar
01223-010 São Paulo SP

cosacnaify.com.br [11] 3218 1444
atendimento ao professor [11] 3823 6560
professor@cosacnaify.com.br